

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

NATANAEL VIEIRA

**A ESCRIVIVÊNCIA NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO, DIÁRIO DE UMA
FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS (1960): RAÇA,
RESISTÊNCIA E GÊNERO**

São Luís
2026

NATANAEL VIEIRA

**A ESCRIVIVÊNCIA NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO, DIÁRIO DE UMA
FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS (1960): RAÇA,
RESISTÊNCIA E GÊNERO**

Dissertação de mestrado apresentada
como requisito para obtenção do grau
de mestre no Programa de Pós-
graduação Stricto Sensu em Letras –
Mestrado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Algemira de
Macêdo Mendes.

São Luís
2026

Vieira, Natanael

A escrivência na obra Quarto de Despejo, diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus (1960): raça, resistência e gênero. / Natanael Vieira. – São Luis, MA, 2026.

91 f

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Maranhão, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Algemira de Macêdo Mendes.

1.Escrivência. 2.Literatura negra feminina. 3.Carolina Maria de Jesus.
I.Título.

CDU: 82-055.2(=013)

NATANAEL VIEIRA

A ESCRIVÊNCIA NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO, DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS (1960): RAÇA, RESISTÊNCIA E GÊNERO

Dissertação de mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras – Mestrado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALGEMIRA DE MACEDO MENDES**
Data: 06/05/2026 06:46:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes (Orientadora)

Doutora em Literatura
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA LETICIA GONCALVES MORAES**
Data: 04/05/2026 17:20:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Claudia Letícia Gonçalves Moraes Santos

Doutora em Literatura e Práticas Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **MONICA SALDANHA DALCOL**
Data: 04/05/2026 20:52:15-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Saldanha Dalcol

Doutora em Letras
Universidade Estadual do Maranhão

“Inicialmente, dedico este trabalho de forma respeitosa a mim, que debaixo de muito sol permaneci forte”. Embora tenha havido dias cansativos, perdas pelo caminho e muita saudade de quem eu amo, não desisti de sonhar e construir minha nova vida.

Além disso, dedico também esta pesquisa para minha mãe, Simone do Carmo Vieira, mulher preta, interiorana, semianalfabeta, que sob muita dificuldade e persistência conseguiu dar a mim uma boa educação.

Se eu sou, tudo é por ela e para ela. “Carrego de forma orgulhosa o teu sangue e sigo com a certeza de que o seu amor me dá força para continuar em busca dos meus (dos nossos sonhos)”.

AGRADECIMENTOS

Iniciar este agradecimento, para além de tudo, é um ato de resistência e sobrevivência. Chegar até aqui, hoje, me faz concluir que resisti a diversos desafios diários que atravessaram o meu caminho durante essa linda jornada de conhecimento. Sobrevivi, mesmo quando a mente tentou dilacerar aquilo que tenho de melhor. Superei os obstáculos com o pensamento firme de que concluiria mais essa etapa, assim como fiz em outros momentos que tanto sonhei para a minha vida.

Nesse sentido, agradeço a Deus, aquele que, com toda a sua bondade, me permitiu viver mais esse sonho. Aquele que me fez ver que tudo valeria a pena, pois Ele disse: “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos” (Provérbios 16:3). Assim, este trabalho é fruto do meu acreditar e da fé que tenho em um Deus que acolhe e, de forma respeitosa, nos faz viver com dignidade aquilo pelo que tanto lutamos.

Agradeço também aos orixás, que se fazem presentes no meu dia a dia com suas inspirações, bondade e acolhimento. Acredito que, sem eles, boa parte da pessoa que me tornei não seria possível. Minha formação como cidadão, preto e do interior é atravessada por uma ancestralidade encantadora que, mesmo diante da correria da vida, nos impulsiona a viver o extraordinário, a fazer o que faz a diferença e a realizar o que os nossos um dia sonharam. Eu sou a continuidade de lutas e sonhos.

Agradeço, com profundo amor, à minha mãe, Simone do Carmo Vieira — a pessoa que me deu a vida e, com muita luta, me fez ser alguém do bem. Mesmo diante de um cenário que, por vezes, me impedia de ascender, vi a bondade nos olhos de quem primeiro me amou. Sobrevivi com a certeza de que poderia fazer a diferença na vida das pessoas que amo. Mãe, enfrentei a graduação, especializações e, agora, o Mestrado em Letras, tudo isso foi por você e para você. Aqui, neste trabalho — e em todos os outros que você me incentivou a concluir — os méritos também são teus, porque o meu maior prêmio é ter você em vida, ao meu lado, assistindo à realização de tudo aquilo que um dia sonhei.

Agradeço ainda à minha querida amiga e professora, mestre Cinthia Andrea Teixeira dos Santos — uma pessoa incrível que me acolheu desde a

graduação, com conselhos, amizade e um olhar sempre sensível. Obrigado pelas contribuições que mudaram a minha vida como pesquisador e professor. Obrigado pelo abrigo afetuoso durante todo o período de aulas do mestrado. Sem você, eu não teria conseguido seguir os passos necessários para concluir esta etapa. A você, minha gratidão! Que Deus recompense tudo o que você fez por mim. Você foi — e continua sendo — uma pessoa essencial na minha vida.

Minha gratidão também à minha orientadora, professora doutora Algemira de Macêdo Mendes, pela orientação, acolhimento e por todo o conhecimento transmitido ao longo desses dois anos de mestrado. Sem você, eu não acreditaria que este trabalho fosse possível, pois, desde o momento em que analisei o edital da seleção, o seu nome apareceu como uma referência, por conta do vínculo entre nossas pesquisas. Obrigado por acreditar em mim, na nossa temática e, sobretudo, por ter me orientado com tanto cuidado, permitindo que eu chegasse até aqui.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, pela celeridade, organização e por contar com um corpo docente comprometido, com amplo conhecimento, que oferece aos alunos possibilidades reais de crescimento dentro e fora da universidade. Como dizem: a UEMA é uma mãe! E, de fato, ela proporciona múltiplas formas de ascensão social. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade de ter sido bolsista. Minha eterna gratidão!

Além disso, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pelo acordo de cooperação com a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que me permitiu participar da primeira edição do edital *UEMA pelo Mundo*. Por meio dessa iniciativa, tive a alegria de passar três meses em Coimbra, Portugal, desenvolvendo a pesquisa intitulada “Entre fronteiras e resistências: difusão digital da obra de Carolina Maria de Jesus como patrimônio literário afro-brasileiro na Universidade Aberta de Portugal (UAb)”. Ademais, não poderia deixar de agradecer ao meu orientador na Universidade Aberta de Portugal, Prof. Dr. Dionísio Vila Maior, pela orientação respeitosa e atenciosa durante todo o processo de pesquisa. Durante minha estadia, também fui aluno da disciplina Seminário de Estudos Comparados, vinculada ao Mestrado em

Estudos Comparados da UAb, o que contribuiu significativamente para minha formação acadêmica e intelectual.

Expresso ainda minha sincera gratidão ao amigo brasileiro Luís Miguel, a quem tive a felicidade de conhecer em Portugal, e que me auxiliou de modo relevante no meu processo de adaptação durante os meses em que permaneci no país. Sem sua amizade e orientação diária, essa experiência teria sido, certamente, mais desafiadora e desconfortável. Agradeço também a Mauricio Silva, amigo itapecuruense, cuja presença e companheirismo foram fundamentais nesse período, sobretudo por ter vivenciado a mesma experiência de deslocamento internacional, o que contribuiu de forma significativa para a conclusão bem-sucedida dessa etapa. Agradeço, portanto, pela oportunidade, pela experiência vivida, pelos conhecimentos adquiridos e pela realização de um sonho que, outrora, parecia distante. Essa vivência também me proporcionou a publicação do meu quarto livro, *Antes que o Poema acabe*, em Portugal, na terra de Luís de Camões.

Agradeço de modo mais que especial aos amigos e amigas Marlise Cardoso, Renata Vieira, Sara Beatriz, Renato Silva, Mario Ruan, Daiana Escobar, Samira Fonseca, Katiana Oliveira, Joelson Luna, Sandra Martins, Érika Oliveira, Adriana Mendes e Silvanira, pela amizade verdadeira, pelo acolhimento sincero e por todos os conselhos, palavras de incentivo e ajuda que me ofereceram ao longo do mestrado e durante todo o processo da minha ida a Portugal. Saibam que cada um de vocês faz uma diferença imensa em minha vida, contribuindo para que eu me torne uma pessoa melhor a cada dia. Levo comigo o carinho, a generosidade e o apoio que recebi de cada um, de maneira única e especial, e sou profundamente grato por contar com amizades tão significativas em minha caminhada.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que atravessaram o meu caminho desde a educação infantil até o mestrado: professores, professoras, amigos, amigas, colegas de curso, familiares e, principalmente, àqueles que desejaram ficar e ser parte da minha vida — uma vida em constante construção, marcada pelo afeto, pela luta e pela esperança. Sem vocês, eu não teria tantas boas risadas e momentos inesquecíveis para guardar com carinho. Obrigado por suas existências! Gratidão!

“Escrevo porque tenho necessidade de desabafar” (Jesus, 1960, p.32).

RESUMO

A presente dissertação analisa a escrevivência de Conceição Evaristo (2016) no contexto da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, evidenciando as relações entre raça, gênero e resistência na literatura negra feminina brasileira. O objetivo principal é compreender de que modo a escrevivência, conceito formulado por Evaristo, manifesta-se na narrativa caroliana como forma de denúncia social, representação da vivência negra e afirmação identitária das mulheres periféricas. A pesquisa possui natureza qualitativa e caráter bibliográfico, fundamentando-se em autoras como Sueli Carneiro (2011), Djamila Ribeiro (2019), Lélia Gonzalez (1988), bell hooks (1994; 2013), Grada Kilomba (2019) e Angela Davis (2016). A partir desse diálogo teórico, busca-se evidenciar como a produção intelectual de mulheres negras contribui para questionar os mecanismos históricos de exclusão e silenciamento que marcaram a formação da sociedade brasileira e de seu cânone literário. A análise demonstra que a escrita de Carolina Maria de Jesus ultrapassa o relato individual e assume dimensão política e coletiva, ao expor o cotidiano das favelas, a fome, a desigualdade social e o racismo estrutural como experiências concretas vividas pela população negra. Ao aproximar-se do conceito de escrevivência, sua obra evidencia a mulher negra como sujeito de saber e produtora de conhecimento, transformando a escrita em espaço de resistência e reconstrução da memória coletiva. O estudo também discute a recepção crítica de *Quarto de despejo* e a forma como a marginalização de Carolina Maria de Jesus se relaciona com um processo histórico de desvalorização das intelectualidades negras. Conclui-se que a escrevivência, enquanto prática estética e política, constitui uma epistemologia que legitima as experiências das mulheres negras como fontes de conhecimento, contribuindo para a reconfiguração da literatura brasileira e para a construção de uma pedagogia de resistência baseada na representatividade e na pluralidade de vozes historicamente silenciadas.

Palavras-chave: Escrevivência; Literatura negra feminina; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo; Resistência.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the concept of *escrevivência* developed by Conceição Evaristo (2016) in relation to *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus* (1960), highlighting the intersections of race, gender, and resistance in Black Brazilian women's literature. Its main objective is to understand how *escrevivência* appears in Carolina Maria de Jesus's narrative as a form of social denunciation, representation of Black lived experience, and affirmation of marginalized women's identities. The study is qualitative and bibliographic, drawing on the works of Sueli Carneiro (2011), Djamila Ribeiro (2019), Lélia Gonzalez (1988), bell hooks (1994; 2013), Grada Kilomba (2019), and Angela Davis (2016). Through this theoretical framework, the research demonstrates how Black women's intellectual production challenges historical mechanisms of exclusion and silencing that have shaped Brazilian society and its literary canon. The analysis shows that Carolina Maria de Jesus's writing transcends personal testimony and assumes a political and collective dimension by exposing the daily realities of the favelas, hunger, social inequality, and structural racism. In dialogue with the concept of *escrevivência*, her work highlights Black women as producers of knowledge and transforms writing into a space of resistance and collective memory reconstruction. The dissertation also examines the critical reception of *Child of the Dark* and the marginalization of Carolina Maria de Jesus as part of a broader historical process that devalued Black intellectuals. It concludes that *escrevivência* functions as an aesthetic and political practice that legitimizes Black women's experiences as sources of knowledge, contributing to the reshaping of Brazilian literature and to the development of a pedagogy of resistance grounded in representation and plural voices.

Keywords: *Escrevivência*; Black women's literature; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo; Resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 LITERATURA NEGRA BASILEIRA	24
2.1 Vozes da Literatura negra brasileira: Reflexões Iniciais	24
2.2 Escrita Negra Feminina Brasileira: Re (existindo)	33
3 A RECEPÇÃO CRÍTICA ENTRE CAROLINA MARIA DE JESUS E A SUA OBRA <i>QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA</i> (1960).....	42
3.1 A Crítica e Carolina Maria De Jesus: Um percurso bibliográfico.....	42
3.2 Gênero, Raça e suas implicações na obra de Carolina Maria de Jesus	56
4 SOBRE OUTROS OLHARES, A OBRA EM EVIDÊNCIA	63
4.1 O processo de Escrivivência, <i>Quarto de Despejo: Diário de uma favelada</i> , <i>de Carolina Maria de Jesus</i>	63
4.2 O processo de escrita em <i>Quarto de Despejo: Diário de uma favelada</i> , <i>de</i> <i>Carolina Maria de Jesus</i>	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	83

Neste espaço de tempo, recorro à escrita como forma de resistência em meio a todos os desafios, mas, neste caso, caminho pelas nuances literárias da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), da escritora mineira Carolina Maria de Jesus. Mediante a isso, constata-se em dias atuais uma maior valorização da sua narrativa literária, surgindo como quebras de paradigmas frente à literatura branca, elitista e brasileira.

Desse modo, a presente discussão, aqui ponderada, surge como continuidade a ser refletida, uma vez que se vincula nas tríades reflexivas: raça, resistência e gênero, presentes na obra, e, com isso, para uma maior abordagem, a escrevivência de Conceito Evaristo surge como colaboração nessas demarcações literárias.

Diante disso, urge a necessidade de que, na vivência contemporânea, mais pessoas conheçam a obra *Quarto de Despejo*, reconhecendo-a como uma narrativa fundamental para a compreensão da sociedade brasileira, sobretudo para entender como grande parte da população vive à margem, assim como viveu Carolina Maria de Jesus. Ela enfrentou desafios extremos para garantir o básico para a sua sobrevivência e a de seus filhos. Catou no lixo maneiras de prosperar em um cenário desumano; utilizou os restos e escreveu aquilo que via, sentia e, acima de tudo, aquilo que lhe dava esperança. Assim, o ato de escrever, associado à ideia de escrevivência, tornou-se arma potente de Carolina, que transformou a dor em resistência — uma resistência que ecoa até os dias atuais.

Desta forma, pesquisar sobre uma escritora negra e brasileira que até hoje permite-nos o caminhar através da sua escrita, é saber o quão poderoso é o ato de escrever em espaços que lutam para que o silêncio esteja presente, sobretudo, a escrita caroliana é, não só desabafo, mas, um retrato do Brasil de antes e de agora. E se antes, o sucesso de Carolina não foi valorizado dentro das academias, hoje, neste ato contínuo de resistir, a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* será lida, refletida sobre bases teóricas de escritores e pesquisadores que caminham a corroborar a grande importância dela. Carolina está presente!

1 INTRODUÇÃO

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (Jesus, 1960, p. 167).

A presente pesquisa parte de um incômodo pessoal, onde durante toda a minha educação básica e conclusão da minha licenciatura, tive pouco contato com obras de autoria negra feminina, encontrando-se respingos dessas narrativas na disciplina Literaturas Africanas. Tendo em vista tais fatores, o meu maior interesse sempre foi caminhar através da pesquisa científica pesquisando e refletindo sobre o meu povo preto, sobre escritores e escritoras negras que mediante há tantos desafios resistiram e possibilitam até hoje que outros de tantos continuem fazendo literatura e fomentando a existência da escrevivência.

Nesse desvelar, pontua-se de forma eficiente que o currículo escolar brasileiro, foi historicamente estruturado sob as referências europeias, refletindo uma lógica eurocêntrica que dá privilégios aos conhecimentos, valores e narrativas oriundos da Europa em detrimento das contribuições dos povos africanos, indígenas e de outras matrizes culturais. A partir disso, compreendemos que esse modelo de organização do saber contribui para a invisibilização de histórias, epistemologias e produções intelectuais não europeias, reforçando a ideia de que a cultura europeia é o padrão universal de civilização, ciência e progresso. No entanto, há consequências de que estudantes de origem negra muitas vezes não se reconhecem nos conteúdos ensinados, trazendo o impacto direto a sua autoestima, identidade e pertencimento no espaço escolar.

A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* constitui-se como um marco incontornável da literatura negra brasileira, sobretudo por inaugurar um espaço de fala onde a mulher negra não é mais objeto de representação, mas sujeito que narra sua própria trajetória. As reflexões apresentadas no texto evidenciam como Carolina Maria de Jesus transformou a escrita em ferramenta de enfrentamento às opressões estruturais que atravessam raça, gênero e classe. Sua voz literária emerge de um lugar historicamente silenciado, revelando a urgência de reconhecer a experiência das mulheres negras como parte constitutiva do pensamento social brasileiro.

Ao apresentar a fome, a pobreza e o abandono social como elementos centrais de sua narrativa, Carolina reinscreve o cotidiano favelado no centro da crítica social. A escrita torna-se, assim, um instrumento de denúncia que rompe com o apagamento secular imposto às populações marginalizadas. Essa potência discursiva é reforçada por teóricas como Evaristo (2005, 2017), que compreendem a literatura negra feminina como fruto da experiência corpórea, emocional e histórica das mulheres negras, configurando a escrevivência como método de resistência.

Assim, ao caminhar pela literatura caroliana não é encontrado apenas um compilado de diários sem sentidos, mas um extenso retrato social do Brasil de 1960 e com respingos reais aos tempos da contemporaneidade. Pensar de forma comparativa a esse tempo é entender que a literatura pode e deve ser representativa, pois fazer literatura não é apenas desbravar os múltiplos caminhos ficcionais, mas mostrar o real através do fazer literário.

Ademais, Carolina Mariana de Jesus se insere na história da Literatura Negra Brasileira como uma escritora que enfrentou a pobreza em um país racista cujo tempo impossibilitava a sua própria existência. E ela, de forma perspicaz, uniu-se aos seus dias vívidos, por mais que foram dias de sobrevivência, foram dias de esperança para ela quando viu através da escrita a forma de transgredir, de ser ouvida, de fomentar às verdades que muitos fingem em não saber. Carolina é voz e resistência.

Ao pensar sobre a narrativa caroliana, frisa-se que a escrita de Carolina pode ser compreendida como um marco na consolidação da literatura negra feminina no Brasil, pois é através da sua obra *Quarto de Despejo* que ela possibilita a ruptura contra o silenciamento histórico imposto às mulheres negras e às populações marginalizadas. Através disso, quando a autora narra as experiências cotidianas da favela, pobreza e maternidade, ela possibilita o conhecer das múltiplas denúncias sociais. Assim, é importante dizer que “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (Evaristo, 2007, p.52). Nessa conformidade, a literatura produzida por mulheres se estabelece como um espaço de resistência, memória e contestação das estruturas de poder que dada a história tentaram silenciar essas vozes. Diante disso, a priori, Mattos, Abreu, Dantas e Moraes (2009, p. 310) falam que:

Depois do período colonial e da escravidão, os afrodescendentes praticamente desaparecem da história do Brasil ensinada confirmando a ideia de que somos uma nação sem problemas raciais. Por que estudar os afrodescendentes depois da abolição se não existem mais escravos?

Com finalidade de responder à pergunta acima, nota-se a necessidade de promover tais discussões em torno da presente obra, uma vez que se deve considerar de forma relevante a cor e todos os aspectos sociais da escritora Carolina. Pois, tais aspectos influenciam comportamentos quando em convívios com pessoas, além de promover discursos que colocam o povo negro em situações desumanas. Com isso, há insatisfação por parte de muitos, sendo que:

Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares da mulher do popular, negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla dá-se o nome de: sexismo, racismo e elitismo (Gonzalez, 2018, p. 119).

A preocupação expressada por Gonzalez (2018) caminha por reflexões diversas, assim como a ausência privilegiada de obras de autores negros e negras nas bibliotecas públicas. Assim, é de fácil afirmação que quando o aluno se depara com obras que não lhe transmite nenhuma representação e autoidentificação é possível perceber o quão poderoso é o racismo institucional e estrutural no sistema escolar brasileiro. Pois, cabe aos que estão em busca do conhecimento pela quebra da ignorância racial instalada há anos no contexto social, e por mais que seja um tanto utópico, sonhamos em dias melhores onde os nossos alunos negros e nossas alunas negras entendam que ser negro e ser negra é ser resistência, presença, e sobretudo, donos e donas de saberes ancestrais e intelectuais.

De acordo com Bosi (2002, p. 21), a cultura de fronteira, ou seja, as novidades literárias trazidas pela literatura negra “marca a passagem da expressão literária oral para o texto escrito em letra de forma, fazendo com que seus produtores, geralmente cidadãos excluídos socialmente, saíssem do anonimato e assumissem a condição de autores individualizados”. A partir dessa ideia, Bosi (2002) permite perceber que a literatura negra em alicerce com a escrita caroliana assume um papel de transformação literária quebrando

um estigma, onde muitos escritores veem como possibilidade a sua própria existência dentro da literatura. Por outro lado, Bosi (2002) pondera de maneira coerente que:

[...] exemplo notável, e já plenamente urbano, de cultura de fronteira é o de uma favelada, apenas alfabetizada, que registrou o seu cotidiano em um diário pungente, publicado em 1960 com o título de Quarto de Despejo. Falo de Carolina de Jesus, cuja obra foi traduzida para as principais línguas cultas do mundo, reproduziu-se amplamente e atingiu um milhão de exemplares. (Bosi, 2002, p. 22)

No contexto que expressa Bosi (2002), Carolina Maria de Jesus, de forma magistral, usou a sua escrita para representar uma forma de produção cultural que surge das margens sociais, tornando-se assim, um fenômeno da literatura brasileira, sobretudo, da literatura negra brasileira. De tal modo que Bosi lhe caracteriza como uma “favelada, apenas alfabetizada”, isso permite entender que a escrita caroliana trouxe quebras contra a ideia tradicional de que a literatura é produzida exclusivamente por sujeitos inseridos em espaços formais de escolarização ou pertencentes às elites intelectuais. Diante desses fatores, a obra em questão revela não apenas as experiências vividas em contextos de pobreza, mas sobre a ideia de que a exclusão também pode gerar narrativas literárias potentes e socialmente significativas.

Ademais, há de frisar que quando o autor traz a afirmativa sobre Carolina ser “um exemplo notável de cultura de fronteira”, automaticamente ele pontua como sugestão de que a autora ocupa um espaço intermediário entre diferentes universos culturais: oralidade e escrita, periferia e cultura letrada, experiência cotidiana e literatura publicada. Desta forma, é válido enfatizar que a escrita de Carolina enquanto negra, mulher e escritora não apenas tinha como fator principal o registro da sua realidade na favela, mas como mecanismo de atravessamento de barreiras sociais e simbólicas, levando a voz de uma mulher pobre, preta e marginalizada a circular em escala nacional e internacional.

Diante disso, pesquisar sobre Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, sendo mulheres pretas que ousaram fazer literatura em meio ao caos social, é, sobretudo, a permanência da resistência alicerçada ao orgulho da nossa cor. E, escrever sobre elas numa perspectiva de dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) é mostrar que a academia deve falar sobre os corpos

intelectuais que até hoje resistem e diversificam positivamente os mais diversos espaços acadêmicos.

Mediante os fatos históricos, a escrita negra feminina enfrenta, desde muito tempo, um processo de silenciamento sistemático operante tanto no meio literário quanto acadêmico. Assim, evidencia-se que quando as mulheres negras ousaram a escrever e publicar, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, com frequência foram ignoradas, erotizadas, e de forma demasiada, consideradas intelectualmente incapazes de elaborar reflexões críticas e pertinentes sobre a sociedade.

É nesse interim que Carneiro (2005, p. 29) aponta que o apagamento dessas produções faz parte de um projeto amplo de epistemicídio, ou seja, a negação e o assassinato simbólico dos saberes produzido por populações racializada. Diante desse fator, Carolina Maria de Jesus, mesmo tendo uma obra como *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* sendo reconhecida como um best-seller internacional permaneceu durante décadas fora do cânone literário, uma vez que sua escrita foi interpretada não pelo valor estético, nem como literatura legítima, mas como uma curiosidade social.

Esse apagamento brutal não é efeito de ausência de qualidade ou de potência estética da sua obra, mas sobre uma estrutura racista, classista e patriarcal que define o que é ou não considerado literário. Dessa forma, ao observar a presença da mulher negra, pobre, sem formação acadêmica formal e moradora da favela do Canindé, ela rompe com essas barreiras e publica um livro, ela quebra um paradigma frente às convenções do campo intelectual. Ademais, Carolina ainda em vida publicou *Casa de Alvenaria* (1961), no qual relata sua vida após o sucesso editorial e a mudança para uma nova realidade social. Em 1963, publicou o romance *Pedaços da Fome*, que aborda de forma ficcional as ilusões da ascensão social, e a coletânea *Provérbios*, reunindo reflexões e pensamentos que revelam sua visão crítica e sensível sobre a vida e a sociedade.

Em contrapartida, mesmo inserida em um contexto de racismo institucional, a sua obra ecoou, sobreviveu e circulou por ares de incomodações e desestabilizações. Assim, é visível o quanto a sua escrita desafia o projeto da branquitude literária ao trazer de forma visceral uma narrativa que expõe a fome, miséria e a desigualdade no Brasil Urbano. Não se

trata apenas de um testemunho dolorido, mas um diagnóstico crítico da sociedade brasileira, escrita por uma mulher que viveu as suas contradições mais brutais.

No contexto desta pesquisa, a escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, surge na contemporaneidade para compreender a obra de Carolina, frisa-se de forma essencial que tal terminologia surgiu apenas após a publicação da referida obra em questão. Assim, tal estilo de escrever sobre suas próprias vivências é além de um estilo literário, trata-se de uma política de escrita que transforma a vivência negra e feminina em um discurso de denúncia. Nessa conjuntura, Evaristo (2021, p.15) pontua que “Escrevivência é um modo de escrever que brota das marcas deixadas nas vivências; é a escrita de quem sobrevive e transforma sua vida em linguagem. É a narrativa que se recusa ao apagamento e que se impõe como memória coletiva.” Diante dessa ideia, é notável essa antecipação à escrita para o vivido, traçando entre a subjetividade e crítica social em um gesto que é, ao mesmo tempo, literário e político.

Em consonância, ressalta-se que a literatura negra feminina não pode ser lida e refletida apenas no quesito estético, mas como produção do pensamento social. De modo a exemplificar, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Geni Guimarães se posicionam numa construção de narrativas que analisam, denuncia e intervém nas estruturas opressoras da sociedade brasileira. Assim, obras nessas discussões atravessam a literatura como promotora de conhecimento, tensionando o cânone e buscando reivindicar outras epistemologias—enraizadas na experiência, ancestralidade e resistência cotidiana.

Ao enveredar por caminhos de reflexões em face à literatura brasileira, observa-se que, historicamente, é marcada pela exclusão de vozes marginalizadas, e que essa perspectiva de refletir tem ganhado novos contextos com a ascensão de escritores e escritoras que rompem com as estruturas tradicionais e trazem à tona narrativas que discutem gênero, raça e classe social.

A Literatura negra, em conformidade com Sousa (2006, p. 79), após o surgimento dessa literatura especifica a imagem do negro foi reinventada, pois os escritores negros e negras buscavam através da própria literatura sua

“identidade e autoafirmação”. Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo aprofundar a compreensão diante da Escrivivência na obra *Quarto De Despejo, Diário De Uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus (1960): Raça, Resistência e Gênero.

A obra "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus, escrita mediante os relatos contidos em mais de 14 cadernos, traz reflexões profundas sobre a vida na favela e os desafios enfrentados por uma mulher negra e pobre. Já a escrita de Conceição Evaristo, influenciada pelo diário de Carolina, aborda a Escrivivência como uma forma de resistência e empoderamento feminino, dando voz às realidades vividas por mulheres negras.

Ao investigar a Escrivivência, Raça, Resistência e Gênero no contexto da obra de Carolina Maria de Jesus, pode-se perceber como Conceição Evaristo, Grada Kilomba, e entre outras, dialogam e se complementam. Além disso, a pesquisa buscou ampliar o entendimento sobre a literatura marginalizada, evidenciando a potência das vozes femininas negras que rompem com estereótipos e exploram temas urgentes para a sociedade contemporânea.

Nessa conjuntura, esta investigação teve como objetivo geral: analisar a abordagem de Escrivivência no contexto da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960) de Carolina Maria de Jesus, investigando as questões de escrevivência, raça e gênero presentes na narrativa e sua relevância para a literatura negra feminina. Já os seus objetivos específicos: investigar as principais questões relacionadas à raça e ao gênero presentes na obra "Quarto de Despejo", considerando o contexto histórico e social em que foi escrita; debater sobre o espaço em que a autora está inserida e apresentar possíveis desdobramentos e impactos gerados pela obra de Carolina Maria de Jesus na literatura contemporânea, no que diz respeito à valorização das vozes de mulheres negras e à representatividade em termos de raça e gênero na literatura.

Diante disso, a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é uma narrativa potente que dá voz às experiências de uma mulher negra e pobre, evidenciando as adversidades enfrentadas por essa parcela da população na realidade brasileira. Publicado em 1960, o livro suscita reflexões sobre a própria autoria e as complexidades da vivência negra.

Por sua vez, Conceição Evaristo, escritora negra e uma das mais importantes teóricas da literatura contemporânea, traz uma abordagem que enfatiza a Escrivivência, uma forma de escrita que surge da interseção das vivências pessoais com a construção social da raça e do gênero. Evaristo ressalta a importância de valorizar e reconhecer a perspectiva das mulheres negras, bem como suas experiências singulares, como forma de desafiar as estruturas invisíveis e excludentes da sociedade.

Desse modo, a problemática que se coloca é: de que maneira a Escrivivência de Conceição Evaristo se relaciona com os anseios relacionados à raça e ao gênero expressos na obra de Carolina Maria de Jesus? Como esses anseios influenciam a construção e a valorização da literatura negra feminina no contexto nacional?

Ao explorar a Escrivivência na obra de Carolina de Jesus, levando em consideração as reflexões de Evaristo, é possível perceber como a vivência da autora contribui para a representação fiel das experiências das mulheres negras no cenário brasileiro.

Nesse sentido, as reflexões encontradas na obra de Carolina Maria de Jesus apontam para a necessidade de valorização e reconhecimento da literatura negra feminina como uma fonte de conhecimento legítima, que molda e transforma perspectivas. Essa valorização é essencial para desconstruir estereótipos raciais e de gênero, e para promover a igualdade de oportunidades e a justiça social.

Destarte, compreender e analisar a Escrivivência de Conceição Evaristo no contexto da obra "Quarto de Despejo" nos permite refletir sobre a urgência de uma atuação consciente para que a literatura negra feminina seja devidamente reconhecida e valorizada em sua capacidade de questionar e transformar as estruturas sociais, promovendo equidade e visibilidade para as vozes marginalizadas.

Em consonância, a presente pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, uma vez que o estudo em questão foi fundamentado por análises interpretativas das obras literárias e dos discursos críticos que traçaram um envolvimento de modo essencial na ênfase da subjetividade, nos sentidos atribuídos aos textos e conexões nas questões sociais, gênero e raciais.

Nesse entendimento, a escolha pela abordagem qualitativa se justifica pela natureza do objeto de estudo, uma vez que a escrita negra feminina exige uma compreensão mais ampla, sendo voltada às reflexões que expressam o impacto literário pelas produções de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.

Desse modo, o recorte principal centra-se em torno da análise da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, traçando relações em torno do conceito de Escrivivência cunhado por Conceição Evaristo. Tal utilização deu-se com o interesse de investigar como as experiências de vida caroliana são transformadas em linguagem literária e política.

Diante disso, para a construção da fundamentação teórica foram utilizadas fontes como livros, dissertações, teses, artigos científicos depositados no *Google Acadêmico* e *SciELO*. Mediante a essa busca, os principais autores utilizados como aporte teórico destacam-se: Cuti (2010), Ribeiro (2019), Evaristo (2016), Carneiro (2005, 2011), Kilomba (2019), hooks (1992, 2013), entre outros.

Ademais, a metodologia também fez uso de uma perspectiva interseccional, traçando considerações em torno dos marcadores sociais da diferença como raça, resistência, gênero, classe e território, elementos estes que afetam diretamente as múltiplas produções e recepções da obra de autoras negras.

A saber, a análise da obra *Quarto de Despejo* deu-se pela conceituação de gênero articulada ao princípio da interseccionalidade, assim compreendida como chave analítica indispensável para apreender a complexidade das experiências narradas. Nesse sentido, o gênero não é tomado de forma isolada, mas em constante relação com outros marcadores sociais, como raça e classe, que são elementos que atravessam e estruturam a vivência da autora. Através disso, conforme formula Kimberlé Crenshaw sobre interseccionalidade, permite compreender que as opressões não atuam de maneira isolada, mas de forma simultânea e interdependente, produzindo condições singulares de subalternização.

Assim, a análise textual partiu de uma revisão crítica sobre a recepção da obra de Carolina Maria de Jesus fincado nas relações de exclusão

do cânone literário, exotização e principalmente os variados desafios enfrentados por mulheres negras para serem reconhecidas como intelectuais legítimas.

Desta forma, vale ressaltar que a escolha da referida obra como elemento central parte sobre a sua importância histórica, relevância social, e, sobretudo, potência estética, sendo parte crucial aos caminhos de um testemunho vivo da desigualdade urbana, fome, exclusão e violência, mas como pilar de resistência e da agência da mulher negra favelada.

A partir disso, a análise textual partiu-se por um olhar hermenêutico, caminhando pela ideia de compreender os sentidos do texto a partir da experiência da autora, de sua linguagem marcada pela oralidade do cotidiano, mas da sua subjetividade expressa nos seus relatos.

Ademais, este trabalho funde-se ao debater que a escrita é um ato político, e que a escrevivência é uma prática de memória, resistência e insurgência contra o epistemicídio. Nesse interim, o estudo assume um posicionamento político e ético em torno das desigualdades no campo acadêmico e literário.

Dessa forma, ao trazer para esta pesquisa as múltiplas reflexões literárias que partem da obra em debate, reconfigura o sistema operante de vários grupos sociais que impedem, de certo modo, o reconhecimento da escrita e da intelectualidade negra e feminina. Nesse aspecto, debater sobre essas informações é ressignificar esse pensamento social de exclusão e enfatizar a poderosa escrita caroliana alicerçada ao escopo da escrevivência, priorizando as vozes autorais, inteiras e plurais.

Destarte, a presente metodologia científica adotada neste trabalho deu a permissão para ancorar uma análise comprometida com a visibilização das vozes historicamente silenciadas, trazendo reafirmações em torno da importância de pensar a literatura como um campo de disputa, sobretudo, onde a escrita negra feminina precisa ser reconhecida em um pilar de legitimidade de conhecimento e produção intelectual.

A presente dissertação está organizada de forma a possibilitar uma compreensão progressiva do objeto de estudo. Inicialmente, a Introdução apresenta a temática, os objetivos, a justificativa e os procedimentos metodológicos que orientam a pesquisa. Em seguida, no capítulo Literatura

Negra Brasileira, são discutidos os fundamentos teóricos que embasam o trabalho, contemplando, em um primeiro momento, reflexões iniciais sobre as vozes da literatura negra brasileira e, posteriormente, a escrita negra feminina como espaço de resistência e (re)existência. O terceiro capítulo, intitulado A recepção crítica entre Carolina Maria de Jesus e a sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), aborda o percurso da crítica literária sobre a autora, além de discutir as implicações de gênero e raça presentes em sua produção. No quarto capítulo, Sobre outros olhares, a obra em evidência, são analisados aspectos centrais da obra, com ênfase no conceito de escrevivência e no processo de escrita desenvolvido por Carolina Maria de Jesus. Por fim, apresentam-se as Considerações finais, nas quais são retomados os principais resultados da pesquisa, seguidas das Referências, que reúnem as fontes utilizadas ao longo do estudo.

2 LITERATURA NEGRA BASILEIRA

2.1 Vozes da Literatura negra brasileira: Reflexões Iniciais

O iniciar através da história requer um protagonista, um indivíduo que age e repercute frente às ações que envolvem um enredo e todo o contexto circula ao seu redor. É com essa analogia que os aspectos construtivos do fazer literário insere, de forma desprivilegiada, o negro, tanto em contextos narrados quanto sociais. O dito, a voz que surge de um simples verso ou a escrita por si só, por muito tempo foi elaborada através de uma percepção, o entender de pessoas brancas e elitizadas. Nessa concepção, o negro que sempre proliferou melanina, identidade, inteligência, na sua maioria das vezes, dentro da literatura branca, sempre foi ouvido pela ideia e voz do outro.

Em parceria pela busca de entender sobre a literatura negra ou afrodescendente, partimos à ideia de que a temporalidade da história é efêmera e os protagonistas de antes, também podem ser transferidos para uma posição de escuta do outro. Diante disso, conceituar a literatura de escritores negros e escritoras negras, é caminhar por uma linha de entender o transgredir, conforme debatido por hooks (2013), a transgressão de ir além, de quebras de paradigmas e modificações dos sistemas impostos pelos colonizadores, e, acima de tudo, entender os mecanismos de impedimentos em torno do corpo negro em sonhar, resistir e vencer, pois, de acordo com Cuti (2010, p. 12), “[...] a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”.

A literatura negra surge como ferramenta de contrariedade aos papéis impostos pelo homem branco, criando um espaço ligado ao literário, modificando o status de sujeição, uma vez que o negro era, e, infelizmente, até hoje, é posicionado com estereótipos. A partir de uma coletividade, os negros escritores começaram a produzir narrativas originais, fiéis, compactuando com uma ressignificação quanto à cor de sua pele, identidade, beleza e outros traços vistos pela estética da supremacia branca como inferior:

Tendo sua gênese na rebelião, na insurgência contra a situação vigente, a literatura negra configura-se como uma forma privilegiada de autoconhecimento e de reconstrução de uma imagem positiva do negro. Nesta medida, o conceito de literatura negra emerge da própria característica dos signos: a de estarem em um permanente

movimento de rotação, onde os signos que nos exilam podem vir a ser os mesmos que nos constituem na dimensão humana. O surgimento do que chamamos de literatura negra está, pois, relacionado com a compreensão desta rotatividade, isto é, com a compreensão de que um mesmo signo – NEGRO – pode remeter à ofensa e à humilhação, mas também pode ser assumido com orgulho (Bernd, 1988b, p. 95-96).

Essa rotatividade pontuada por Bernd (1988) possibilita inferir de como todas as lutas dos movimentos negros e quilombolas conseguiram lograr êxito frente a todas as mazelas impostas pela sociedade, e, ocasionando o surgimento de uma literatura específica ao povo negro, sendo não mais como uma significância de ser negro aos olhos dos racistas dito e lido em diversas narrativas, mas, agora orgulhando-nos do privilégio de ser negro e por fazer parte de um grupo rico de saberes e culturas.

Há tempos o negro é despreziado e diminuído quanto as suas qualidades, onde o branco criou um enredo e situações que os impedia, em alguns casos, de se perceberem como intelectuais. Porém, muitos escritores negros estão divergindo quanto a esses pensamentos inserindo um discurso bem acentuado, utilizando a escrita para auto exaltar o negro como sujeito e ressignificando a si próprio. Assim, Bernd (1988) mais uma vez contribui com a discussão e afirma que:

[...] a presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo, uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro (Bernd, 1988b, p. 22).

O exposto citado por Bernd (1988) destaca que a literatura afro-brasileira traça uma articulação entre textos conectados numa visão e sensibilidade negra do mundo. Ele também evidencia que essa literatura busca resgatar as memórias apagadas pela hegemonia branca e envereda por propor uma ruptura em torno dos padrões de escrita eurocêntrica, ou seja, não apenas traz novos significados em torno da história e cultura negra. Por sua vez, Silva (2002) enfatiza que:

Um dos elementos mais importantes no processo de constituição social do sujeito é a identidade. Ela não é inata, se constrói em determinado contexto histórico e cultural, e está relacionada aos referenciais coletivos de inserção a um grupo, aos usos sociais das

formas de reconhecimento e aos processos culturais de construção de representações simbólicas (Silva, 2002, p. 60).

Ao refletir sobre a perspectiva dita por Silva (2002), é notável compreender que a identidade não é inata, mas, um fenômeno construído através de um contexto cultural e histórico. Isso equivale refletir que a identidade negra é construída através de uma coletividade e embasada pelo reconhecimento social e nas representações simbólicas que moldam a experiência dos sujeitos negros na sociedade.

Dito isso, quando se pensa em literatura negra abre ao entendimento de que são narrativas próprias de um grupo especificamente negro e que reflete as diversidades de contextos que são e estão inseridos socialmente, ou seja, é uma apropriação de uma fala, um contexto e de uma voz que sai de um processo de silenciamento para o lugar de protagonismo. É nesse meio que Ribeiro (2019) reflete:

Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta. Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade (Ribeiro, 2019, p.89-90)

Mediante a isso, Ribeiro (2019) torna-se bastante precisa ao trazer o negro para uma posição de ser ouvido e lido ao ratificar o conceito de “lugar de fala”, deixando a entender que é o rompimento com o silenciamento imposto aos grupos subalternizados. E tal debate caminha pela literatura afro-brasileira buscando um espaço de reivindicação em ênfase aos negros onde se tornam protagonistas de suas próprias narrativas. Nessa mesma linha de pensamento, Lobo (2007) fala sobre a definição de Literatura afro-brasileira:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (Lobo, 2007, p. 315).

Para Lobo (2007), a literatura afro-brasileira possui uma diferenciação da literatura sobre negros escrita por autores brancos, se por um lado, a segunda é tendenciosa a reproduzir estereótipos ou até mesmo tratar a cultura negra de forma exótica, por outro, a primeira é marcada por um sujeito

de enunciação próprio, uma vez que ele utiliza ideologicamente de um reconhecimento como afrodescendente e permite que a sua narrativa seja escrita a partir de sua vivência. Como reforço, Cuti (2010) diz que a literatura negra:

[...] nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, simultaneamente, brasileira, pois a palavra negro aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negra”. (Cuti, 2010, p. 44-45)

Para além de um segmento literário originário, Cuti (2010) permite a inferência pautada em torno que a literatura afro-brasileira é fundamentada por um ideal ativo de resistência, rejeitando assim, a visão reducionista onde vê a cultura negra apenas como uma contribuição de uma identidade nacional e branca.

Nessa trajetória discursiva, podemos frisar, então, que a literatura é um mecanismo essencial de transformação e reflexão perante os mais diversos contextos sociais, é ela que molda, reconfigura e impõe narrativas de vozes, outrora, foram silenciadas academicamente ou até mesmo posicionadas, colocadas em espaços desumanizados.

A literatura negra é uma união de vozes de resistências que buscam proliferar suas verdadeiras realidades, sejam passadas ou atuais. Ela permite com que diferentes pessoas leiam alguns anseios e sofrimentos repassados para o papel através da escrita de autoria negra. Em conformidade com Sousa (2006, p. 79), após o surgimento dessa literatura especifica a imagem do negro foi reinventada, pois esse grupo buscava através da própria literatura sua “identidade e autoafirmação”. Mas é possível ver que mesmo com essa alternativa de empoderamentos ainda há espaços privados e há presença do racismo institucional e estrutural que ascendeu desde o período da escravidão.

O homem negro e a mulher negra sempre foram colocados em posições que não equivale a sua riqueza cultural e não corresponde a sua enorme contribuição histórica e social, além de terem vivido vários anos em situações desumanas, englobando a uma narrativa cuja visão é ocidental machista e racista. Nesse caso, falar do negro é abrir espaços para a

divulgação de suas obras, é dar fortalecimento a cultura leitora, à memória do Brasil; possibilitar que diferentes pessoas possam refletir sobre o que consta em seus escritos.

Ademais, frisando a uma delimitação de gênero, a mulher sempre foi colocada em posições inferiores aos homens, isso torna-se mais evidente quando ela é mulher, escritora e negra. Essa exclusão social vem acontecendo desde muito tempo, conforme Souza (2006), isso vem de um “processo histórico de opressão e exclusão da mulher por nossa sociedade patriarcal, pautada e normatizada pelo discurso masculino e branco, assim vimos as mulheres, especialmente as negras, ficarem relegadas ao silenciamento”. (Souza, 2006, p. 1).

Entende-se que o conceito de literatura negra é debatido até o presente momento, uma vez que essa terminologia literária engloba uma variedade de autores negros e negras que destacam em seus escritos não apenas os seus anseios, sofrimentos, o passado cruel vivido por eles e pelos seus descendentes, mas sobre as suas diversidades, reflexões e sobre a mais variadas questões literárias.

Diante disso, para Rodrigues, a literatura negra deve ser compreendida como aquela escrita por autores negros que, de forma assumida, refletem sobre sua identidade e problematizam aspectos sociais, culturais e históricos que afetam a população negra (Lobo, 2007, p.266).

Destarte, o enunciado acima destaca sobre o conceito de literatura negra e permite dizer que os autores que fazem parte dessa significância possuem uma maior autoridade de expressar sobre as suas vivências, ou seja, esses autores assumem um papel autêntico e literário, quebrando uma hegemonia de escrita, onde o negro era visto e lido apenas pela perspectiva da elite.

Assim, a mulher e escritora negra se insere numa abordagem mais aproximada da sua realidade, pois a literatura negra vem possibilitar que suas vozes sejam ecoadas em diferentes formas de versos e prosas. Por meio disso, Evaristo (2005) diz:

As escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de auto representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se

descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (Evaristo, 2005, p. 54).

Ao refletir sobre a inserção da mulher no campo da literatura encontra-se a questão do gênero, cor e discursos de inferiorização. Nesse mesmo sentido, questão abordada por este trabalho, nota-se a relação com a cor, especificamente a cor negra, motivo este que ascendeu historicamente racismos, falas, extermínios de pessoas incluídas nesse aspecto racial, aonde a mulher negra é inserida em um espaço de múltiplas adversidades e fatores que impedem de ascender. Através disso, surgem os diferentes discursos que as colocam em situações de desprivilegio, por isso a necessidade de ter uma literatura voltada para os escritores negros e escritoras negras.

Sabendo que a literatura é uma fonte de necessidade para debates, acrescenta aqui a presença da mulher negra e escritora, pois, sabe-se que ela parte de um lugar com identidade racial e começa a ter contato com a escrevivência a questionar e ressignificar sua própria existência. Com essa ideia, Alves (2010) diz:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. (Alves, 2010, p.185).

Quando a literatura negra possibilita a mulher negra em gritar as suas dores através da escrita é possível ver a quebra do paradigma colocado no meio social há tempos, o silenciamento e a inferiorização da mulher, negra e escritora, principalmente em torno do mercado editorial, pois há tempos existe o racismo institucional que impede não apenas a ascensão do escritor negro, mas, sobretudo, mulheres negras que usam a ideia da escrevivência como ferramenta literária. Permitir que diferentes grupos sociais e diferentes classes sociais reflitam sobre as diversas Escrevivência é possibilitar espaços mais inclusivos e empoderados.

Nesse mesmo sentido, é possível traçar uma articulação em torno da noção de interseccionalidade ao conceito de dororidade, cunhado por Vilma Piedade, uma vez que ela propõe uma reflexão em torno das dores específicas compartilhadas entre mulheres negras. Segundo a autora, “a dororidade

carrega no seu significado a dor provocada em todas as mulheres pelo machismo. Porém, quando se trata de mulheres pretas, há um agravante causado pelo racismo” (Piedade, 2017, p. 16). Diante desse pressuposto, ao refletir frente a narrativa caroliana, é notório essa dimensão nas múltiplas experiências de sofrimento narradas por Carolina, sobretudo no que se refere à fome, exclusão social e às violências simbólicas e materiais que atravessam o seu cotidiano. A partir disso, a dor vivida por Carolina não se insere em uma individualidade, mas coletivamente, permitindo a reflexão em torno da condição histórica compartilhada por mulheres negras em contextos de marginalização.

Nesse sentido, ressalta-se que a literatura é um espaço de formar pessoas que reflitam sobre o seu contexto e que tenha consciência do seu papel social. Desse modo, vale destacar:

A maior conquista que Negritude alcançou [...] foi a liberdade de expressar conteúdos que integram elementos, características culturais ou preocupações referentes à diáspora negra por meio do uso de uma língua literária que corrói a língua canônica. (Agustoni, 2013, p.43)

Nesta perspectiva, surge a literatura negra como uma maneira de re (posicionar); re (organizar); re (existir) e permiti que vozes negras e femininas das mais diversas formas, jeitos e sentidos, possam reverberar ao meio literário usando a sua própria Escrevivência, assim como pontuou Evaristo (2005, p. 26), onde ela diz que “a escrita de mulheres negras é uma forma de Escrevivência”, uma vez que a produção literária não seja criada pelo outro, como sempre foi feita, mas, um testemunho enraizado na experiência coletiva das mulheres negras.

Diante disso, a literatura negra vinculada às escritas de mulheres negras e periféricas, emergem da necessidade de (re) inseri-las nas nuances literárias focalizando as suas trajetórias, dores, ancestralidades e os mais diversos modos de resistências, com isso, tal luta impõe a desafiar as epistemologias coloniais, principalmente, patriarcais, mecanismos negativos que tradicionalmente silenciaram as suas vozes em muitos espaços.

Em consonância, entende-se que a presente literatura aqui debatida, surge como uma estrutura e um significado voltado aos caracteres da resistência, onde um grupo é a fundamentação daquela arte transmitida, seja através da escrita ou até mesmo de outros aparatos culturais. Nesta base, “a

literatura negra no Brasil emerge como uma forma de resistência cultural e política, buscando afirmar identidades e denunciar as opressões históricas sofridas pela população afrodescendente.” (Silva, 2013, p. 45).

Com base em Silva (2013), nota-se que a Literatura negra parte de um viés engajador, enveredando por ideais culturais e buscando vozes e sentimentos que um dia ocultaram e querem não permitir que esses gritos sejam escutados, lidos e refletidos. Assim, a escrita negra parte de um eu silenciado e reverbera por transformações sociais.

Nesse interim, lembra-se não só da importância da reflexão sobre essas diversidades de escritas negras, mas, pontua-se que Angela Davis (2017, p.57) diz que “a literatura negra de autoria feminina carrega um caráter insurgente, pois, recusa-se a reproduzir os moldes eurocêntricos que excluem a vivência negra”. Assim, compreende-se que o fazer literário de vozes posicionadas há tempos em silêncios, permite, para, além de tudo, uma re (existência) e um local de fala com autoria e relevância.

Desse modo, Davis (2017) também nos permite a inferir que a escrita pode ser uma arma política, onde a mesma ressignifica caminhos para que as mulheres negras tenham uma apropriação de seus espaços discursivos e reconfigurem as estruturas opressoras. Nesse pensamento, a escrita urge da inserção de vozes, na sua maioria das vezes, expostas por outros, como um alicerce de expor de forma literária as lutas, denúncias das desigualdades raciais, sociais e de gênero, principalmente voltado a esse grupo caracterizado como minorias sociais.

Como acréscimo, hooks (1992, p. 34), por sua vez reflete que “a escrita das mulheres negras rompe com a lógica da subalternização ao afirmar sua centralidade na construção do conhecimento”, diante dessa afirmativa observa-se a presença de que a intelectualidade negra feminina, muitas vezes deslegitimada, vincula-se a escrita como um caminho se inserir nos mais diversos debates acadêmicos e literários. Desse modo, partindo a um propósito de criar epistemologias alternativas que se focaliza em desafiar, principalmente, as diversas narrativas dominantes.

Ao olhar para a escrita negra feminina é possível constatar que ela parte de uma identidade própria, de uma autoria específica e quebra um

sistema literário elaborado apenas para homens e mulheres brancas, também, com um poder aquisitivo de predominância.

Nesse aspecto, é viável exemplificar a literatura de Carolina Maria de Jesus em sua obra atemporal, adjetivada com uma firmeza literária, olhares de quem vive até hoje a realidade exposta pela narrativa do *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960). Em contramão com os ideais predominantes da Literatura Brasileira, a escrita caroliana destoa, desmitifica, ressignifica de forma crua, cruel e sem medo, a vivência de múltiplas pretas, de irmãs colocadas socialmente em meio a um espaço desumano e com poucas oportunidades de reafirmar e conhecer o seu lugar no mundo como cidadã.

Com a noção frisada pelo caráter caroliano, é nítido o aspecto de resistência nas diversas narrativas de autoria de escritoras negras, isso se confirma ao refletir sobre a exposição de Gonzalez (1988, p. 15), ela diz:

A escrita negra feminina é indissociável da materialidade do corpo da autora, da sua identidade racial, das experiências vividas e das marcas do racismo e do machismo. O corpo negro feminino, ao ser sistematicamente invisibilizado ou exotificado, encontra na escrita um meio de afirmação da sua presença.

Com base em Gonzalez (1988, p. 15), há como pontuar que o corpo negro feminino ao se deparar com a arma, a escrita de autoria, é possível partir por um enveredamento cujas finalidades são dar a chance de que as suas vozes sejam escutadas, refletidas e discutidas. A escrita é uma ferramenta fulcral de abrilhantar os espaços e “tecer memórias”, buscando as diversas histórias que foram apagadas não apenas pela colonização, mas, pelo racismo estrutural, meios que impedem até hoje de muitas mulheres negras acenderem socialmente nos seus mais diversos lugares de falas ou narrativas.

Ao possibilitar aquelas que um dia foram silenciadas e resistem perante os mecanismos estruturais, a forma de transcrever as suas vivências para o papel é “a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de autoafirmação e sobrevivência” (Lorde, 1984, p.41)”, é nesse sentido que a busca por manifestar os seus afetos através da escrita negra feminina que urge com essa necessidade de partir de um lugar visto pela sociedade como ameno, é colocar numa posição de leitura, análise e reinterpretação. Assim, pensa-se em como a narrativa de Carolina Maria de Jesus conecta com as afirmativas supracitadas, evidenciando o espaço que a mesma está inserida e através da

escrita testemunhal fazer com que haja uma reflexão ou outros entendimentos perante aqueles que moram na Favela do Canindé.

É no enveredar da discussão acima trazida por Lorde (1984, p. 41) que pode-se entender que a escrita automaticamente pode ser transformada em um território de resistência e disputa, pois, é através dessa manifestação que as mulheres negras reivindicam a sua autonomia e direitos de narrar o mundo a partir das visões e múltiplas perspectivas. Nessa conjuntura, abre-se o entender que o ato de escrever, no sentido exposto, não é apenas um ato intelectual, é mais que isso, ou seja, é um exercício de sobrevivência e uma maneira de exercer a sua liberdade.

2.2 Escrita Negra Feminina Brasileira: Re (existindo)

Ao caminhar pela história literária, é possível encontrar algumas mulheres negras e escritoras que galgaram em meio às diversidades da literatura, mesmo com diversos impedimentos de ascenderem usando a sua escrita. Assim, lembra-se da grande escritora maranhense, Maria Firmina dos Reis (1822 - 1917), ela que foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil a publicar um romance abolicionista. A sua obra, *Úrsula* (1859), reflete-se em torno das condições de vida dos negros, focando principalmente ao redor das mulheres escravizadas.

Além disso, a autora crítica de forma coerente o sistema escravocrata da época, e, representa, pela primeira sob a ótica de uma mulher negra. A partir disso, observa-se que a mulher em si como escritora toma posse de um viés representativo e permite que a sua voz não seja apenas escutada, mas, lida e sentida através da sua sensibilidade única, propondo uma reflexão sobre as injustiças sociais da época.

Nessa conformidade, Maria Firmina é uma figura representativa maranhense que possibilitou através do enredo escravagista noções importantes que até hoje fomenta reflexões em torno da realidade desumana vivida por muitos negros escravizados. E, hoje, sabemos que ela é:

[...] mais do que precursora, foi a representante maior de um gênero quase desconhecido no país, o da literatura abolicionista, que expunha os horrores da escravidão sem transferir para as costas dos

escravos e escravas todos os males das sociedades escravistas. (Machado, 2019, p. 94).

Diante do exposto por Machado (2019) infere-se dizer que a escritora quebrou um paradigma introduzindo a questão abolicionista através da sua escrita coerente e formalizada, e, assim, é possível notar a ousadia, coragem e a inteligência de como a escrita feminina e negra insere uma temática na literatura brasileira tornando-se até hoje como uma obra representativa e de múltiplas vozes. Nesse mesmo debate, é visível ver que Maria Firmina:

[...] comete ainda um atentado maior aos cânones literários do momento, ao elevar escravos/as ao status de personagens densos, atravessados por subjetividade, capazes de expressar de maneira orgânica uma reflexão sobre a escravidão, com seu cortejo de injustiças. O romance, certamente, se opõe de maneira muito clara ao padrão da literatura abolicionista que apareceu no Brasil nas décadas seguintes (Machado, 2019, p. 99).

Em consonância mais uma vez com a contribuição teórica de Machado (2019), vale frisar que a literatura apreciada da sociedade em si sempre foi produzida por escritores brancos que possuía um poder aquisitivo e com um padrão de escrita onde tinha personagens caracterizados por pessoas negras inseridos em posições negativas. Mediante a isso, quando Maria Firmina dá possibilidade de conhecer a história abolicionista por uma narrativa feita por alguém que sentiu na pele o racismo impregnado, ela insere uma ressignificação no meio literário, dando possibilidade de o pensamento de mulheres negras também fomentar as tensões da literatura.

Nesse contexto, ao fazer a leitura da obra *Úrsula* observamos que “Firmina não se limita a descrever a dor da escravidão, mas projeta uma resistência que antecipa as futuras lutas pela liberdade” (Lira, 2016, p. 57), a autora, além de retratar a resistência à escravidão, ela também cria personagens femininas complexas e apresenta o sofrimento de uma mulher negra que, através do amor e da luta pela liberdade, desafia os limites impostos pela sociedade.

Ademais, já na contemporaneidade, apreciamos a escrita de Conceição Evaristo, uma das escritoras negras mais relevantes da literatura brasileira na atualidade, ela é conhecida por suas obras que tem uma abordagem pela base das experiências das mulheres negras e a resistência frente ao racismo e à opressão. Diante disso, surge então, a sua narrativa *Ponciá Vicêncio* (2003), explorando a trajetória de uma mulher negra que, ao

longo de sua vida, presencia as dificuldades impostas pela sociedade patriarcal, e, principalmente, racista. Também, pode-se pontuar que a sua obra é um retrato das lutas pessoais e sociais, permitindo refletir sobre as questões de identidade, memória e ancestralidade. Ao debruçar-se sobre a leitura do referido romance, é indispensável mencionar um trecho que traz muitas provocações:

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si mesma, ficou atordoada. [...] Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio quando o vazio ameaçava preencher sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia do seu próprio eu. (Evaristo, 2017, p.44)

Em confronto com a afirmativa acima, é interpretativo dizer que em muitos fragmentos da narrativa é possível perceber que há um incômodo, um vazio e múltiplos silêncios que atravessam os personagens, porém, esse grito não ecoa, é silenciado, o que acaba transformando-se em sentimentos doloridos remetendo-se com a realidade de muitos leitores que já se debruçaram através da sua narrativa.

É nesse contexto que “a obra de Evaristo é uma celebração da resistência das mulheres negras, que ao longo da história foram silenciadas, mas que, por meio da literatura, encontram um espaço para falar e se expressar” (Oliveira, 2019, p. 136), ela retrata a luta de sua protagonista, cria um campo de reflexão sobre a condição da mulher negra frente à sociedade brasileira. Destarte, é compreensivo perceber que Ponciá Vicêncio tornou-se um marco literário da literatura negra feminina no Brasil.

Nessa continuidade, lembra-se da escritora e jornalista Ana Maria Gonçalves, autora da obra *Um Defeito de Cor* (2006), considerada uma das mais importantes da literatura negra contemporânea. A sua narrativa vinculada à obra envereda por narrar a trajetória de uma mulher negra que, desde a sua infância, vivencia a escravidão e o contexto de lutas pela liberdade. Assim, Gonçalves constrói uma história de resistência que perpassa por gerações, e

abordando temática como identidade racial, ancestralidade e o impacto da escravidão na formação do Brasil.

O romance de 950 páginas se destaca nessa vertente visualizada até agora. E isto, não apenas por inscrever o cotidiano de horrores da escravidão (tantas vezes recalcado) a partir de uma perspectiva feminina e afrodescendente. Só esse fato já seria suficiente para lê-lo com redobrada atenção. O romance brasileiro ostenta, via de regra, uma considerável hegemonia masculina, tanto na autoria, quanto no protagonismo ou no universo representado. A tônica tem sido o predomínio de narrativas exemplares de homens de relevo, sempre que se trata de representar o passado e de construir uma imagem gloriosa de nação a partir dos feitos dos heróis fundadores (Duarte, 2009, p.6).

Ao refletir sobre o exposto por Duarte (2009) é viável pontuar que historicamente o negro sempre foi colocado em um lugar relegado, e, a partir da narrativa de Gonçalves há uma percepção de que a escrita também pode e deve ser lida por uma autoria negra e feminina, contrariando os cânones homens, brancos e de classe social alta.

A literatura negra permite o entrelaçamento entre diferentes abordagens e possibilidades de reflexões, assim, Souza (2017) pontua que “a obra de Gonçalves é uma poderosa narrativa que une ficção e história, oferecendo uma perspectiva única sobre os efeitos da escravidão na construção da identidade negra no Brasil” (Souza, 2017, p. 211). Destarte, *Um Defeito de Cor* (2006) tornou-se um romance épico por trazer um enredo histórico e literário frente ao legado negativo da escravidão e do racismo estrutural.

Por sua vez, Eliana Alves Cruz, escritora e pesquisadora, ganhou grande notoriedade com obras que traz como narrativa temas como a escravidão e os seus reflexos na sociedade contemporânea. A mesma é autora da obra *Água de Barrela* (2016), onde aborda sobre a memória do passado com as realidades do presente, explorando os legados da escravidão e a luta por justiça social. Assim, de modo inteligente, ela usa a ficção para fazer interrogações ao passado e a questionar as desigualdades persistentes na sociedade brasileira.

A obra em questão possui como principal característica a escrita de denúncia e reflexão, incluindo caminhos reflexivos acerca da ancestralidade, racismo e a luta pela liberdade. Nessa conjuntura, compreende que “a autora, ao narrar o cotidiano de sua personagem, resgata as dores e as resistências de

um povo que, apesar das adversidades, não se deixa vencer” (Silva, 2015, p. 99). Pois, é através de suas personagens que a autora possibilita o entender da relevância em refletir sobre a história negra no Brasil.

Nesse sentido, Cristiane Sobral, poetisa, dramaturga e escritora brasileira, autora da obra *Não Vou Mais Lavar os Pratos* (2010), ficou conhecida por sua poesia e suas reflexões sobre racismo, feminismo e a experiência da mulher negra na sociedade. Na presente obra, ela traz para discussões assuntos sobre opressão doméstica, relações de gênero e a resistência das mulheres negras através da poesia. Assim, a sua obra, além de ser um grito de liberdade, é, também, um convite à reflexão sobre as desigualdades e a necessidade de mudança social.

“A autora, ao denunciar as múltiplas formas de opressão, resgata a força das mulheres negras, que, mesmo em um contexto de adversidade, se reinventam e resistem” (Costa, 2018, p. 84). É nesse meio que Sobral possui um caráter direto, visceral e crítica, enveredando por um posicionamento de resistência contra o racismo e machismo, sua escrita, portanto, é um elemento essencial de transformação social frente às mazelas da sociedade brasileira.

Ademais, ao fazer a leitura minuciosa da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) observa-se a presença primordial da subjetividade de uma mulher negra que faz o seu diálogo transcender em diferentes reflexões. Através disso, Kilomba (2019, p.88) destaca que “a experiência da mulher negra é sempre questionada, interrompida ou introduzida por outrem”, tal noção entra em um entendimento que esse impedimento de sentir ou ler materiais cujas subjetividades são expostas, insere-se não somente na academia, mas, em diferentes contextos de artes.

E quando a mulher negra, a exemplo de Carolina, escreve acerca da sua vida, dores, sonhos e diversas situações vividas no seu espaço de vivência, ela quebra um estereótipo, desafiando o silenciamento injetado de forma dolorosa em várias instituições sociais, assim, esse ato de escrever afirma que as mulheres negras possuem capacidades e intelectualidades de serem as próprias autoras de suas narrativas.

Ao expor as suas vivências para o papel ou possibilitar que outras pessoas possam ler, vivenciar e até mesmo sentir de forma interpretativa o que o outro sentiu, parte para um tipo de marcações através da memória. Isso é um

elemento muito presente na escrita negra feminina, uma vez que “a escrita é uma forma de manter vivos aqueles que vieram antes de nós” (Nascimento, 1989, p. 51), nesse contexto, pode-se constatar que essa escrita não há apenas um interesse pelo passado, mas, sim, reverberar com a construção do passado e a projeção de um futuro com a finalidade voltada a reconhecer plenamente as vozes negras.

De acordo com o exposto acima, nota-se que esse não reconhecimento em algumas instâncias parte de um processo colonial de discriminação e que é fomentado até a contemporaneidade, uma vez que, segundo Carneiro (2005, p. 29), “o racismo se institui como uma episteme excludente, negando a existência e a produção intelectual da população negra”. É nesse viés que a escrita negra feminina rompe com essa estrutura, possibilitando uma ressignificação da sua importância e entrando como quebra na visão que insiste em posicionar essas mulheres como objetos estudos e não como produtoras de conhecimento.

Para, além disso, Carneiro (2011, p. 48) mais uma vez contribui com o presente estudo, dizendo que “o racismo opera na negação do direito à autoria intelectual”, isso faz trazer à tona a questão do racismo institucional que muitas vezes é comandado por pessoas brancas que pensam que o corpo negro não serve para fomentar aspectos intelectuais. Esse mecanismo de exclusão dificulta a publicação e circulação das obras de autorias negras, e isso permite-nos a entender que a resistência parte em dois lados: pelo ato de escrever e pelo processo de publicação e recepção crítica.

O racismo predomina em diferentes categorias para com os negros de nosso país, isso é notório ao refletir em torno da matéria jornalística feita pela Carta Capital (2017) que menciona de forma coerente sobre a pesquisa publicada em 2012 intitulada, *o estudo Literatura Brasileira Contemporânea – Um Território Contestado* (Editora Horizonte/UERJ) que possibilita enxergar resquícios de um racismo institucional, dificultando de modo crucial a entrada de escritores negros no mercado editorial. Somado a isso, a pesquisa analisou 258 romances publicados por três reconhecidas editoras entre 1990 e 2004, onde revelou que 93,9 dos autores publicados eram brancos, 72% do sexo masculino e 68% residiam em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

Ademais, analisou-se também a questão dos personagens nos romances, chegando aos seguintes dados: 7,9 dos personagens eram negros e só 5.8% desses protagonistas. As ocupações vividas pelos personagens refletem uma grande diferença, sendo que 20.4% dos negros eram bandidos ou contraventores, 12% empregados domésticos e 9.2% escravos. Também é importante trazer como interferência que na ficção a maioria dos personagens brancos morrem por acidente ou doença, nos romances analisados 61% dos negros são assassinados. Nesse modo, Almeida (2017) apud Madeira, Medeiros (2018) reitera:

A verdade é que o País não superou a escravidão, que se alimenta sem sistema formal, nutrindo o racismo na estrutura social, mantenedor do modo de produção e como prática entranhada nas relações políticas, econômicas, jurídicas, culturais e familiares, definindo os lugares sociais como regra e não como exceção. (Almeida, 2017 apud Madeira, Medeiros, 2018, p. 217).

Mediante o que foi falado anteriormente, é válido dizer que o racismo estrutural está inserido, notadamente, de forma enfática dentro das raízes do nosso país, uma vez que instituições e grupos sociais pregam o racismo de modo desumano e com uma visão de inferiorizar as pessoas negras, esquecendo automaticamente da grande contribuição que esse povo deu a formação cultural do Brasil.

Nesse aspecto, ao adentrar numa escola, em uma biblioteca, e nas ementas das disciplinas dos mais diversos programas educacionais e não ver obras de autoras negras é possível entender que ali residem pensamentos eurocêntricos e que não acolhem a diversidade de escritoras que falam sobre a nossa formação cultural. Tais visões compactuam de forma presente com os pensamentos de Carneiro (2005- 2011), frisando que há diversos aspectos que impedem essa inserção no meio escolar. É nesse ideal que entendemos que “o acesso à produção intelectual negra é um passo essencial para a construção de uma educação antirracista” (Gomes, 2017, p. 63).

Com base em Gomes (2017) é necessário que obras desse aspecto precisam ocupar os diversos espaços acadêmicos, escolares e literários, pois, as mulheres negras não apenas existem, resistem, mas, promovem transformações sociais profundas, uma vez que é a possibilidade de ouvi-las na perspectiva de suas existências. Ao praticar isso, exerceremos um ato humano, múltiplo e permitiremos o ecoar de vozes que há tempos gritam por

resistir e pelas suas existências. E, conforme cita Cuti (2010), é necessário ensinar a literatura brasileira, mas inserir autores negros, pois é através da literatura que podemos ler a mimese vivida por cada escritor:

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais. (Cuti, 2010, p. 87, 89).

Para tanto, ensinar sobre literatura e literatura negra é permitir que os alunos ouçam e reflitam sobre os acontecimentos históricos vividos por esse grupo social que até hoje, mesmo com a sua enorme contribuição cultural para construção histórica do país, ainda passa por momentos que não compactuam com as suas importâncias.

A abordagem em debater sobre a escrita negra feminina parte de um ideal de inclusão literária, onde quem escreve também participa de seu próprio enredo e narrativa. A partir disso, quando várias escritoras negras e afro-brasileiras se inserem numa multiplicidade de contextos e de modos de Escrivivência, surgem novos olhares, novas interpretações e principalmente um olhar não ficcional feito pelo outro, mas, por elas. Desta forma, Salgueiro (2001, p. 2) reflete que:

Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra”, escritoras de origem africana tais como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães, entre outras, examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas, tais como a vida à margem nas grandes cidades, o preconceito nas situações mais corriqueiras do dia a dia, a exclusão já presente nos livros escolares. Narram sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui (Salgueiro, 2001, p. 2).

Mediante o exposto por Salgueiro (2001, p. 2) é possível enveredar pelo caráter de quando uma mulher afrodescendente toma posse da sua escrita, ela passa a escrever os seus incômodos e como os diversos meios excludentes influenciam para o seu apagamento e silenciamento. É nesse meio entre o escrever e o existir que há o equilíbrio, pois, ela não apenas existirá como em outrora, mas, existirá numa perspectiva que, também, será autora da sua própria narrativa, ela parte de um plano secundário vista por apenas a visão negativa do outro para um plano de protagonismo.

Assim, ao perceber a existência do apagamento da escrita de mulheres negras, há como enfatizar que isso é, além de tudo, um processo meritocrático, uma vez que tal contexto tem como característica a não capacidade de uma escrita ser considerada uma literatura. Diante disso, tais menções frisam-se ao conceito de um epistemicídio, ou seja, o presente apagamento intencional e sistemático dos saberes, culturas produzidas pelos povos considerados minorias e principalmente pelas diversas produções literárias. Destarte, há que pensar no conceito de epistemicídio:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem-se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esse processo denominamos epistemicídio (Ribeiro, 2020, p.62.).

Com base com Ribeiro (2020), compreendemos que o epistemicídio parte de uma lógica excludente, buscando a negligenciar diversas oportunidades frente aqueles que não compõem a maioria, isso é evidente ao frisar os corpos negros no meio literário e social. Ademais, esse processo liga de forma presente na escrita negra feminina, onde ela deve passar por um processo de entendimento dos diversos discursos de inferiorização. E é nesse meio que para a mulher negra escrever precisa saber que:

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari e Rolnik, 1986, p.323).

Em conformidade, a mulher negra e escritora, acima de tudo precisam participar de uma ação de desterritorializar, ou seja, ressignificar tudo o que foi construído como identidade para ela, e isso parte a uma reflexão que quando a mulher negra escreve, ela se insere em um território, que em hipótese nenhuma, foi criado para ela.

3 A RECEPÇÃO CRÍTICA ENTRE CAROLINA MARIA DE JESUS E A SUA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA* (1960)

3.1 A Crítica e Carolina Maria De Jesus: Um percurso bibliográfico

Ao ter consciência da grandeza literária de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), partimos ao pressuposto inicial de sua biografia. Sabe-se que ela continua sendo uma importante escritora brasileira, conhecida pela escrita atravessada da desnudez da realidade ao retratar com sensibilidade e força em torno das vidas nas favelas de São Paulo.

Nascida em Minas Gerais, precisamente em Sacramento, a sua mãe era lavadeira tendo acesso limitado à educação formal, onde frequentou a escola apenas por dois anos. Teve 3 filhos cujos se chamam: Vera Eunice, José Carlos e João José. Mesmo diante desse cenário, Carolina aprendeu a ler e escrever, desenvolvendo desde sempre o desejo pela leitura e escrita, onde, ao lermos as suas obras, comprova-se de modo relevante que essa fissura intelectual foi ferramentas fundamentais para narrar a sua realidade de mulher negra, pobre e favelada.

Figura 2 – Carolina Maria de Jesus



Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/ims-lanca-site-com-obra-manuscrita-de-carolina-maria-de-jesus>

Nesse percurso existencial, Carolina passou a morar na favela do Canindé durante a década de 1950. A partir daí ela iniciou a registrar o seu cotidiano nos cadernos encontrados no lixo. Vale ressaltar que tais escritos deram origem ao primoroso livro atemporal *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), onde para ser publicado teve a colaboração do jornalista Audálio Dantas.

É importante dizer que a obra, *Quarto de Despejo*, traz em seus diários (divididos em dia, mês e ano) a abordagem de forma escrita sobre a favela de Canindé. Através dele, a escritora Carolina narra de forma coerente como consegue sobreviver sendo catadora de lixo e metal em São Paulo e como a falta de dinheiro e de trabalho afetam a sua vida. Através dessa narrativa, a autora expõe como é sua rotina, seus sacrifícios para criar seus três filhos, sendo mãe solteira, e tinha que trabalhar para manter tudo sozinha. E ainda havia que lidar com o preconceito de não se casar de novo.

Sabendo disso, há necessidade de desbravarmos sobre como se deu a recepção crítica da autora perante um tempo que estigmatizava o corpo negro e que exercia certo poder de dominação ao corpo editorial da literatura brasileira, por mais que respinga aos anos da contemporaneidade. Diante isso, Dantas afirma:

Fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé. Lá no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem. A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela (Dantas, 1993, p. 201).

Ademais, compreendemos que Audálio foi um agente que instruiu Carolina durante o processo de escolha dos escritos até a publicação, no entanto, ressalta-se que durante esse percurso houve algumas medidas feitas por ele. Diante disso, o artigo intitulado “Aquém do Quarto de Despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário” da pesquisadora Elzira Divina Perpétua (2003) traz relevantes contribuições ao dizer que:

“Ao montar o texto para publicação, Audálio Dantas promove uma revisão em relação à pontuação, ortografia, vocabulário e termos recorrentes, além de organizá-lo numa arquitetura própria. Nessa etapa, observam-se três tipos de modificação em relação ao

manuscrito – acréscimos, substituições e supressões. No estudo da transposição da escrita cursiva para a letra de fôrma, o exame do processo de substituição evidencia a intenção do editor de compor uma imagem da autora diferente da que aparece no manuscrito” (Perpétua, 2003, p. 64).

Em consonância com a autora acima, o processo de edição de Quarto de despejo não teve nenhuma limitação em torno de uma simples transcrição dos manuscritos de Carolina, mas teve envolvimento com um compilado de intervenções que alteraram significativamente o texto original. Assim, Perpétua (2003) ao identificar que a obra teve acréscimos, substituições e supressões, ela demonstra que o trabalho editorial contribuiu para a construção de uma imagem específica da escritora, distinta daquela que emerge de seus cadernos de manuscritos. Além disso, Perpétua reitera novamente:

“O texto de Carolina sofrerá cortes não só em relação à repetição dos atos cotidianos, mas sobretudo no que concerne às reflexões sobre a vida. É aí que reside a maior transformação do texto processada na editoração, uma vez que o enunciado que acompanha o dia-a-dia sempre igual contém uma riqueza discursiva de observações lúcidas, carregadas de violência, humor, amargura, revolta ou resignação, que foi em grande parte suprimida.” (Perpétua, 2003, p. 65).

Diante do exposto, a pesquisadora em questão permite-nos a entender que a edição do diário não apenas reduziu a extensão do texto, mas alterou o conteúdo crítico existente nos manuscritos. Desse modo, ao fazer o processo de eliminação as reflexões mais densas sobre a realidade social e política, o processo editorial limita a complexidade do discurso de Carolina, ou seja, ela argumenta que as supressões contribuíram para certa suavidade ou redução da dinâmica crítica da narrativa, deixando ocultos aspectos importantes do pensamento da escritora e de sua leitura da realidade social da favela.

“Quarto de despejo nasceu como fruto de um acordo verbal que se estabeleceu entre Carolina e Audálio Dantas. Contudo infere-se também que o nascimento do livro ocorre entre dois desejos distintos: para Audálio Dantas, desde o início, a contribuição dos diários para a causa social em que acredita e que defende naquele contexto; para Carolina, representa a possibilidade concreta de sobressair-se culturalmente e o caminho para sair, literalmente, da favela” (Perpétua, 2003, p. 68).

Mantendo a discussão, o exposto evidencia em torno do conflito acerca do interesse na origem da obra. Se por um lado Audálio via no diário um instrumento de denúncia social e intervenção política; por outro Carolina Maria de Jesus enxergava na escrita a possibilidade de ascensão cultural e

reconhecimento como escritora. Nessa divergência há revelação sobre as diferentes perspectivas sobre o papel da literatura e sobre a própria função do diário. Desse modo, o livro Quarto de despejo aparece como negociação entre dois projetos distintos, o que ajuda a compreender as tensões presentes na edição e na recepção da obra.

“O reporter desembulhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e disse: – O que sempre invejei nos livros foi o nome do autor. E li o meu nome na capa do livro. Carolina Maria de Jesus. Diário de uma favelada. QUARTO DE DESPEJO. Fiquei emocionada” (Perpétua, 2003, p. 80).

A partir desse momento Carolina entra de vez no campo literário. De forma simbólica e com reconhecimento, ao observar o seu nome impresso na capa do livro, a autora vivencia a realização de um desejo antigo: tornar-se escritora publicada. Em conformidade, há ênfase na dimensão simbólica da autora, uma vez que o reconhecimento público da escrita representa não só uma conquista individual, mas uma ruptura com as barreiras sociais impostas à população marginalizada.]

Figura 3 – Reportagem de Carolina no jornal Folha da Noite, edição de 9 de maio de 1958



Fonte: Instituto Moreira Sales, 2024.

A FAVELA do Canindé, em São Paulo, é o pequeno (e miserável) mundo de Maria Carolina de Jesus. Uma favela igual a todas as outras: suja, triste, turbulenta. E com a desvantagem de ter nascido

na beira de um rio (o Tietê), que freqüentemente invade tudo com as suas águas carregadas das sujeiras da cidade. Carolina vive mal, como vivem todos na favela. Profissão, não tem. Apanha papéis nas latas de lixo da cidade. Nem sempre há o que comer (para ela e três filhos menores) em seu barraco. Mas ela aprendeu a “ver” além da lama da “rua” e dos barracos escuros: tem o seu mundinho interior, no qual, às vezes, há sol e nuvens coloridas. Escreve versos ingênuos, enche cadernos de sonhos. Mas não se limita a sonhar. Não esquece o mundo sórdido que a cerca, a miséria de seus irmãos favelados – a sua própria miséria. Maria Carolina tem em seu barraco uma dezena de cadernos cheios da vida da favela, um diário fiel, sem artifícios, do dia-a-dia de sua comunidade marginal. Há longos anos, ela vem escrevendo a respeito do seu pequeno mundo, “fotografando” misérias, desencantos e, até, pequenas alegrias. Porque, segundo ela mesma confessa, “a gente que mora na favela também tem dia de alegria”. A fome fabrica uma escritora: O “DIÁRIO” de Carolina é reportagem autêntica, retrato sem retoques (Audálio Dantas, 1958, p. 36).

Em conformidade, a presente matéria traz uma apresentação aos leitores, enfatizando de forma resumida a rotina exaustiva de Carolina Maria de Jesus e sobre como fez de sua sobrevivência, uma arma de resistência frente a tantos diários. A saber, é possível dizer que a recepção crítica da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* se comporta em um campo amplo de mecanismos que envolvem a exclusão intelectual e literária geridos pelas instituições acadêmicas, crítica tradicional e pela grande mídia brasileira. A presente obra foi publicada pela primeira vez em 1960, tendo como resultado um grande best-seller e traduzido para mais de 14 idiomas.

Figura 4 – Versões da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus.



Fonte: <https://elle.com.br/cultura/legado-carolina-maria-de-jesus>

Nessas conjecturas, frisa-se a ideia de que mesmo com um grande sucesso de vendas, Carolina foi largamente marginalizada nos círculos literários e esquecida pelos currículos escolares por décadas, e neste aspecto cabe pontuar que atualmente ainda há muitas escolas, alunos e professores que não conhecem essa importante obra da literatura negra brasileira.

Diante disso, foi perceptível que uma obra que transbordava força e originalidade, dando voz a favela, foi reduzida a um mero “caso social”, sendo esvaziada do seu valor literário e político. Assim, compreende-se que a recepção crítica de Carolina frente a sua obra, é, portanto, um caminho reflexivo de tensões entre o reconhecimento, silenciamento, elogio superficial e a recusa estrutural. Destarte, reflete-se que:

A nossa intelectualidade não é medida pelas academias. A mulher negra, escritora ou não, tem um saber que é constantemente deslegitimado, porque vem do chão, da favela, da senzala, e não das cátedras. O caso de Carolina é emblemático, pois seu diário foi tratado como curiosidade e não como literatura (Nascimento, 2018, p. 79).

Em conformidade com o exposto por Nascimento, uma grande intelectual e ativista, há clareza sobre a ideia de como exista a deslegitimação do saber, mesmo fora dos contextos acadêmicos, produzido por mulheres negras, assim como vivenciado pelas experiências desumanas de Carolina, o que podemos dizer que de acordo com Carneiro (2005, p. 29) esse processo faz parte do epistemicídio, sendo que “Epistemicídio é o assassinato das formas de conhecimento não ocidentais, com a consequente deslegitimação das formas culturais e intelectuais dos grupos racializados.” Nesse caminhar, é notável a presença de um estigma que inferioriza e retirar os direitos de a população negra produzir literatura contada pelos nossos olhares e vivências. Isso se confirma quando Duarte (2011, p.79) afirma:

A obra de Carolina Maria de Jesus foi recebida com desconfiança, ironia e até desprezo por uma parcela significativa da crítica literária brasileira. A autora foi tratada como uma espécie de mascote da favela, cuja escrita era mais uma excentricidade do que uma expressão legítima da literatura negra brasileira. Essa recepção revela a face elitista, racista e misógina de parte do nosso sistema literário.

Nesse contexto explorado por Duarte (2011), pontua-se que boa parte da crítica literária brasileira, é, majoritariamente branca, masculina e elitista, o que resultou nesse trato frente à escrita caroliana com desconfiança.

Assim, para Dalcastagnè (2005, p.15): “A literatura brasileira publicada pelas grandes editoras ainda é profundamente excludente: cerca de 90% dos autores são brancos, e mais de 70% são homens. O campo literário reproduz desigualdades sociais e raciais com naturalidade assustadora.” Nesse interim, tal ação pode ser refletida na medida em que a autora não correspondeu ao modelo consagrado, dito por eles, como “escritor letrado”, ou seja, uma pessoa que frequenta universidades e currículos intelectuais. Assim, trazendo outros mecanismos de impedimentos de ascensão literária de Carolina. Em conformidade, Evaristo (2016, p.58) costura outro pensamento:

A escrita de Carolina Maria de Jesus tem o dom de cortar, como um punhal, as camadas de hipocrisia social. Sua literatura não pretende ser bela. Ela é verdadeira. O que incomoda não é a gramática que ela usava, mas o conteúdo incômodo da sua verdade. É uma escrita-faca, que sangra o papel e as consciências.

Reforçando a afirmativa, observa-se que essa marginalização crítica traz revelações sobre os modos de como o racismo estrutural age diante dos diversos de legitimação do saber. É válido salientar que a linguagem caroliana, mesmo que direta, poética, e, sobretudo, politicamente afiada, foi reduzida e condicionada simplesmente para o modo de “relato contemporâneo”. Destarte, é perceptível diante de tal fato de como foi ignorado a complexidade de sua construção estética. Convém dizer, ainda, que de acordo com Sodré (2006, p.88), “a oralidade é um princípio organizador da linguagem e do pensamento nas culturas negras. A literatura escrita por sujeitos negros carrega a memória viva da oralidade, transformando o texto em um corpo falante”.

Em progressividade, a escrita de autoria negra atravessa por problemáticas urgentes e reflexivas, uma vez que ela se transforma como protagonismo, uma fala que não é mais do outro, mas de si, o seu eu falando de seus incômodos, medos, sonhos e acima de tudo, atrevimento e empoderamento.

A forma como Carolina foi projetada pela mídia reforça o viés exótico e paternalista que costuma recair sobre artistas populares. Ela foi lida como ‘caso social’ e não como escritora. Seu sucesso momentâneo foi mais o de uma personagem do que o de uma autora, o que contribuiu para o esvaziamento crítico de sua produção (Hollanda, 2020, p. 102).

Em consonância com Holanda (2020, p. 102), a crítica tradicional teve uma posição avessa sobre a obra de Caroliana, sendo recusado pelas

ideias que a autora criou através de sua narrativa uma perspectiva de um projeto literário consciente, social e impactante. Nesse percalço, preferiram tratá-la como um “fenômeno passageiro”, contribuindo para o seu esvaziamento a posterior.

Nesse mesmo pensamento, mas de modo amplo, a mesma teórica (p.102) acrescenta dizendo que “a recepção de Carolina Maria de Jesus se deu de modo paternalista. Ela era vista como alguém que escrevia apesar de sua origem, e não a partir dela. Sua obra foi transformada em objeto de curiosidade social, e não em literatura a ser estudada”. Por sua vez, Gonzalez (2020, p.151) ressalta:

Quando uma mulher negra escreve, ela desafia duas estruturas ao mesmo tempo: o racismo e o sexismo. Carolina ousou escrever sem pedir licença e por isso foi tratada como um acidente da história. Não perdoaram sua ousadia de escrever sobre a favela com a voz da favela.

Servindo como acréscimo, Gonzalez (2020) ressalta que esse tratamento incomum e exótico é fruto desse duplo desafio, pois dada a história sempre foram vistas pessoas negras em posições inferiores, sejam em empregos, obras literárias, discursos, e nem podemos ir muito longe para pontuar sobre os anos de escravidão.

Assim, como a escrita de Carolina também configura um saber produzido desde a favela, Alves (2018, p.54) diz que “a favela não é o lugar da morte apenas, mas também da criação. Ela é território de resistência, onde se constroem saberes e práticas que subvertem a lógica colonial de apagamento.” Percebe-se, assim, que esse pouco espaço onde Carolina estava inserida é fruto de um racismo estrutural e institucional que está impregnado até hoje em muitas agências sociais. Diante desse aspecto, Ribeiro (2018, p.73) faz a sua inferência:

É urgente resgatar Carolina Maria de Jesus não apenas como escritora, mas como pensadora. Sua escrita carrega análises profundas sobre estrutura social, miséria, desigualdade e racismo. Ao relegá-la ao campo da espontaneidade, a crítica branca nos nega a chance de reconhecê-la como intelectual.

Nesta contribuição acima, urge a necessidade de abordarmos com mais frequência o legado deixado por Carolina Maria de Jesus, tendo em vista os efeitos da crítica até nos momentos atuais. Para, além disso, a autora se

insere em categorias essenciais a serem refletidas na contemporaneidade, não apenas como pensadora, mas autora e intelectual.

Ademais, Ribeiro (2018, p. 74) aponta que “a escrita de Carolina não se resume ao testemunho. Ela elabora, analisa, interpreta a realidade com lucidez. É uma pensadora do seu tempo, uma intelectual cuja escrita é instrumento de denúncia e resistência”. De outro modo, temos que pensar a escrita caroliana como uma imensa quebra literária, conforme mencionado abaixo:

Carolina tem a força dos cronistas populares, daqueles que sabem contar a vida como ela é, com dor, ironia e precisão. Mas ela vai além do testemunho: sua linguagem constrói uma estética própria, precária talvez, mas cheia de intenções. Não se pode negá-la como literatura” (Santos, 2002, p. 97).

Desse modo, a força literária em torno da obra *Quarto de Despejo* envereda por muitos caminhos, sendo não apenas de denúncia social. Ela constrói uma linguagem própria, acessível, que traz revelações sobre as dores do cotidiano com precisão, ironia e força estética. Nisso, pondera-se dizer que:

Carolina foi apagada, esquecida, silenciada por um sistema literário que só quer ouvir a voz do outro se ela for embalada em forma acadêmica. E ainda assim, desconfiam. Sua ausência nos currículos escolares é tão significativa quanto a sua presença nas estantes populares. Ela é voz viva de uma história que tentaram matar Gonçalves, 2019, p. 34).

Ao refletir sobre isso, é possível observar que não importava se a obra de Carolina tinha importância histórica e estética, pois houve um apagamento presente, também, nas escolas e currículos tradicionais. É essencial que a sua obra seja lida, relida e refletida por aqueles que vivem à margem para conhecer a trajetória de uma escritora que foi à frente do seu tempo.

Pode-se dizer que o silenciamento é uma face do epistemicídio denunciado por diversos autores e escritoras negras. Todavia, constata-se que nos últimos anos, vêm ocorrendo uma revalorização crítica da obra *Quarto de Despejo*, partindo de modo especial, as diversas vozes negras femininas que estão a resgatar não apenas o aspecto de escritora, mas como pioneira daquilo que hoje Conceição Evaristo (2021, p.25) chama de escrevivência: “Escrevivência é um modo de escrever que brota das marcas deixadas nas vivências; é a escrita de quem sobrevive e transforma sua vida em linguagem.

É a narrativa que se recusa ao apagamento e que se impõe como memória coletiva”.

Em face às discussões da recepção da presente obra, frisa-se a evolução de aceitação e repercussão nos espaços literários contemporâneos. De tal modo que Oliveira pontua que:

A narrativa anti-racista de Carolina comprova a trajetória de uma escritora consciente de sua origem étnico-racial, que conta de forma comovente a dor avassaladora de ser mulher negra, pobre e favelada num país cujo racismo estrutural tem a função de confinar essa população subalternizada no calabouço social. Sua escrita é, portanto, resistência e coragem. O testemunho da fome, do lixo e do abandono ecoa para além da denúncia: ele se inscreve como ato político, como insurgência de uma mulher negra que transforma o cotidiano em literatura (Oliveira, 2024, p. 58).

A partir dessa afirmativa, vale a pena dizer que essa ideia rompe com as leituras antigas que atravessavam ao entendimento de que obras nesse fetiche serviam apenas como curiosidade social e até mesmo como “testemunho da miséria”, é através desse pensamento que há o reforço na dimensão em torno da estética e política da escrita caroliana, sendo um instrumento no sistema literário.

A literatura negra traz marcações essenciais de empoderamentos e legitimação de saberes alicerçada a escrita de autoria negra. Assim, ao desbravar pela obra caroliana, a presença da linguagem se comporta em parcerias com a oralidade, rupturas sintáticas e uso expressivo da fala popular. Nesse aspecto, Cassiano (2020) afirma:

O texto de Carolina não precisa ser corrigido, como muitos críticos da década de 1960 insinuavam. Ele é, em si, uma gramática da favela, uma sintaxe da luta. Sua força não está na adequação à norma culta, mas na quebra consciente dessas normas — normas que a excluíram da escola, do livro, da leitura. A linguagem caroliana revela uma estética popular insurgente, cuja poética da oralidade desafia o cânone e propõe outra centralidade, a da vivência negra periférica (Cassiano, 2020, p. 88).

Desse modo, o que antes era visto com certo desprezo, hoje percebe-se uma revalorização da linguagem como uma peça essencial para a resistência discursiva, traçando formas de colocar a autora numa posição de reconhecimento e do fazer literário insurgente e coletivo. Convém lembrar ainda que a escrita de Carolina é acessível e de fácil entendimento, permite que os mais diversos públicos entendam e façam inferências naquilo que contém na narrativa, e isso torna-se a obra mais próxima dos leitores.

Além disso, é possível dizer que a recepção internacional da obra entra em um pilar de tensões importantes. Isso é visto quando Nascimento (2022) busca aprofundamentos em torno da recepção alemã frente à Carolina nos anos 1960, assim ela destaca:

Os leitores alemães da década de 1960 viam Carolina com um misto de piedade e curiosidade, reforçados pelas notas editoriais que acentuavam sua condição miserável. A autora era apresentada como uma espécie de exceção exótica — uma favelada intelectualizada. Esse enquadramento retórico desviava a recepção do conteúdo crítico do diário para uma leitura humanitarista, higienizadora, apagando a força política de sua escrita e reforçando um olhar colonial sobre a literatura produzida por sujeitos subalternizados (Nascimento, 2022, p. 149).

Mediante ao exposto, entende-se como, historicamente, *Quarto de Despejo* foi lido meramente como documento social do que criação literária. Destarte, encontra-se na contemporaneidade que a crítica atual busca ressignificar e se desfazer desse reducionismo, reconhecendo, de fato, a atuação da escritora como uma das precursoras da literatura negra no Brasil. Ademais, Oliveira (2022) diz:

Carolina constrói enunciados de resistência não apenas ao escrever, mas ao ser lida. Sua escrita interpela os leitores diretamente: ‘Você está disposto a ver minha dor? Ou vai fingir que ela não existe?’ A força do texto está na capacidade de deslocar o leitor de seu lugar confortável. Quarto de Despejo é um texto que fala ao corpo do leitor: provoca incômodo, inquietação, vergonha — e é isso que o torna literariamente potente (Oliveira, 2022, p. 5).

Por sua vez Oliveira (2022) reflete-se sobre como a obra coloca os leitores em posições reflexivas, ela serve não apenas como fonte material de denúncia, mas como agente de formação ética e estética dos sujeitos leitores. Ademais, pondera-se que a escrita caroliana não se limita ao ato de narrar a própria realidade, mas transforma em um gesto de resistência contínua que se concretiza no ato da leitura. Desse modo, ao enfatizar que Carolina constrói enunciados de resistência “ao ser lida”, o autor destaca que o texto não é passivo: ele convoca o leitor a assumir uma postura diante da dor narrada.

A partir disso, o incômodo provocado pela narrativa torna-se parte relevante da sua força literária. Diante disso, o texto de Carolina desestabiliza a posição confortável dos leitores ao expor a fome, racismo e marginalização de forma direta e cotidiana. Assim, essa experiência sensorial e emocional transforma a leitura em processo corporal, envolvendo não apenas vergonha,

mas empatia e inquietação, elementos que contribuem para a potência estética e política da obra.

Nesse pensar, o texto literário corresponde a uma expressão da verdade periférica, possibilitando novos espaços para o reconhecimento de epistemologias cuja história permite ver as formas de apagamentos no campo literário. Por outro lado, quando Oliveira (2022) aponta sobre o caráter formativo da literatura caroliana, ele permite entender que a leitura deixa de ser apenas uma atividade interpretativa e passa a atuar como um exercício de consciência social, no qual o leitor é levado a refletir sobre desigualdade, exclusão e responsabilidade coletiva. Nesse sentido, o texto não apenas denuncia uma realidade, mas tem como contribuição para a formação ética dos sujeitos, estimulando a empatia e a crítica às estruturas sociais. Nesse meio, Santos (2024) traz um novo olhar:

Ao narrar sua fome, seus filhos, seu lixo e sua fé, Carolina denuncia o racismo estrutural de maneira direta, sem adornos. Sua escrita, embora nascida da precariedade, se eleva como denúncia social de um país que ainda esconde suas favelas sob o asfalto do silêncio. Não há eufemismo. Há verdade. E essa verdade, tão dolorida quanto incômoda, força o leitor a reconhecer que a literatura também se faz da lama, da dor, da favela (Santos, 2024, p. 37).

Nesse contexto, pode-se afirmar sobre o aspecto estético, pois a forma como Carolina escreve com linguagem simples, direta e marcada pela oralidade, traz uma ampliação de possibilidades do que é considerado literário. Desta forma, a obra *Quarto de Despejo* desafia de forma necessária os padrões elitizados da literatura e demonstra que a experiência estética pode aparecer de contextos marginalizados.

Ademais, Santos (2024) evidencia sobre como a narrativa de Carolina expõe acerca do racismo estrutural brasileiro por meio de experiências concretas e cotidianas, sobretudo, sobre a fome, a coleta do lixo e a luta pela sobrevivência dos filhos. Nesse interim, ao narrar as suas vivências sem filtros ou romantizações, a escritora enfatiza sobre fatores que estão profundamente ligadas aos processos históricos de exclusão racial no Brasil.

Por outro lado, a ausência de eufemismos, pontuado pelo autor, reforça a autenticidade do relato e contribui para a construção de uma literatura que nasce da dor, mas que não se torna limitante a ela. Assim, ao afirmar que “a literatura também se faz da lama”, Santos (2024) destaca sobre a quebra de

hierarquias culturais que tradicionalmente excluíram as vozes periféricas do campo literário. Para tanto, a obra *Quarto de Despejo* traz uma ampliação em torno do conceito de literatura ao incorporar a experiência da favela como matéria legítima de criação artística e reflexão social. Em continuidade, Andrade (2023) pontua:

Os alunos se reconheciam nos relatos de Carolina. As falas sobre a fome, a falta d'água e a ausência do Estado ainda são realidades em muitas periferias. Isso criou uma recepção afetiva, mobilizadora, que ultrapassava o conteúdo literário e provocava reflexão social. A sala de aula deixou de ser espaço apenas de análise textual e se tornou espaço de escuta e de elaboração coletiva da dor. Carolina fez com que os estudantes se sentissem lidos por ela, antes mesmo de a lerem (Andrade, 2023, p. 89).

Em consonância com o exposto, é notório que a obra, além da sua relevância literária, também é uma ferramenta essencial e educativa, servindo como ponte que liga o passado e o presente, literatura e vida. Diante disso, pensando na possibilidade de utilizar a obra em sala de aula, é possível o encontro dos alunos pelo reconhecimento da conexão afetiva com o texto, o que fortalece o processo de leitura e compreensão, uma vez que essa identificação rompe a distância entre a literatura e realidade, permitindo que a obra se torne mais acessível e significativa para o público jovem.

Sob essa noção, ao inserir a obra em contexto educacional, a sala de aula deixa de ser apenas um espaço de interpretação técnica e se transforma em um ambiente de escuta e diálogo. Desse modo, a leitura coletiva de *Quarto de Despejo* permitirá que os alunos expressem as suas próprias experiências e possam refletir sobre as desigualdades sociais, promovendo um aprendizado que envolve dimensões sociais e críticas. Com esse fator, a literatura caroliana passa a cumprir uma função pedagógica ampliada, contribuindo para a formação cidadã dos estudantes.

O que incomodou nos anos 60 — uma mulher negra e sem estudo escrevendo com tanta força — hoje se transforma em potência. Sua recepção atual é resultado de lutas sociais que permitiram que vozes como a dela fossem escutadas e estudadas com a seriedade que merecem. Carolina Maria de Jesus deixou de ser exceção para se tornar referência: de resistência, de autoria, de escrita negra e feminina (Silva, 2023, p. 42).

Em conformidade com Silva (2023), observa-se que houve um novo movimento de revalorização a fim de proporcionar uma recepção crítica contemporânea mais assertiva frente a obra e traçando caminhos para uma

ascensão das lutas sociais, negras e feministas. Ademais, com o avanço dos movimentos sociais, houve uma reavaliação crítica da produção de Carolina reconhecendo-a como uma voz fundamental para a literatura brasileira. Agora, em dias atuais, Carolina Maria de Jesus é estudada e referenciada como uma potência da escrita negra e feminina, pois a sua obra é compreendida como um marco na luta por representatividade e reconhecimentos de autores historicamente marginalizados. Portanto, essa mudança de recepção demonstra como os contextos sociais e políticos influenciam diretamente o valor atribuído às obras literárias ao longo do tempo.

Para tanto, se por um lado Ribeiro (2018, p.74) diz que: “A favela fala por Carolina. E ela escreve para não esquecer que tem voz”. Por outro, Vieira (2021, s/p) conclui pontuando que “Carolina é uma das maiores escritoras do Brasil. Negar isso é negar a própria história da literatura. Ela escreveu com a alma, com o corpo e com a fome. Isso é literatura da mais alta potência.”

3.2 Gênero, raça e suas implicações na obra de Carolina Maria de Jesus

Ao debater sobre as reflexões em torno das temáticas que se vinculam sobre gênero e raça dentro da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* é fazer uma revisitação em torno das estruturas históricas que corroboram para uma definição de quem pode falar, quem pode escrever e, principalmente, quem é lido e ouvido dentro do sistema literário brasileiro.

Em consequente, Carolina Maria de Jesus subverteu os limites impostos desde muito tempo pela branquitude patriarcal ao narrar de forma visceral a sua própria realidade sem nenhuma intermediação. Diante disso, o gesto de escrever é, no contexto aqui debatido, é um ato político de insurgência, pois desafia a lógica colonial que sempre posicionou os corpos negros femininos no campo da marginalidade.

Nesse sentido, a articulação entre gênero e interseccionalidade pode ser aprofundada sob à luz das reflexões de Simone de Beauvoir, ao pontuar que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1949, p. 9), assim, atravessa-se em um caráter socialmente construído do gênero. Através dessa ideia e do contexto da obra de Carolina Maria de Jesus, esse processo de “tornar-se mulher” é amparado por marcadores estruturais que intensificam as desigualdades, principalmente em respeito à condição de mulheres negras e pobres em contextos de exclusão.

De tal modo, ao ver uma sociedade organizada pela desigualdade racial e de gênero, é notório a observância que a escrita de Carolina possibilita denúncias e resistências, trazendo um deslocamento sob o olhar do leitor para o espaço da favela como *locus de* produção de conhecimento.

Sobre as estruturas sociais, convém dizer que a dupla opressão que recai sobre a mulher negra — ser negra em um mundo racista e ser mulher em um mundo patriarcal — estrutura as condições de existência das personagens e da própria narradora de *Quarto de Despejo*. Diante disso, Davis destaca que a sobreposição entre o racismo e sexismo não é um fenômeno isolado, mas parte de um sistema que se alimenta da desumanização histórica de mulheres negras. Desse modo, Davis (2016, p.43) pontua:

A opressão das mulheres negras foi moldada por um entrelaçamento histórico de forças econômicas e ideológicas que procuraram justificar tanto o racismo quanto o sexismo. O corpo da mulher negra foi visto

como instrumento de produção e reprodução, e sua subjetividade foi sistematicamente negada.

A partir dessa leitura, há compreensão de que Carolina, ao se colocar como sujeito de fala, torna-se possível o desafio em torno da estrutura que insiste em negar a subjetividade da mulher negra. Assim, vale pontuar que a sua escrita dá forma a uma consciência de si que rompe o ciclo de subalternização, além disso, traz revelações da potência política da experiência cotidiana.

Em consonância com o percurso, hooks (1995) traz destaque sobre o ato de falar ser um gesto de libertação para as mulheres negras, uma vez que historicamente o silêncio lhes foi imposto como forma de controle. Nesse interim, o diário de Carolina é, portanto, uma fala escrita, um testemunho que transforma o silêncio em um discurso crítico, vivo e social. Nesse sentido, a autora das favelas escreve de um lugar interditado, mas o faz com a autoridade de quem vivencia o que narra. Por sua vez, hooks (1995, p. 75) afirma:

Falar, quando não se tem o direito de falar, é um ato de transgressão. Para as mulheres negras, o discurso é uma forma de resistência, uma maneira de nomear o mundo a partir de nossa própria experiência. Quando falamos, quebramos o silêncio e reconstruímos o sentido de nossa humanidade.

Através dessa ideia, há de se falar que Carolina traça uma performance em torno dessa transgressão ao trazer os registros de sua vida com palavras simples, mas carregadas de potência política. A sua escrita é composta por uma ruptura sob a ideia de que a favela é um espaço de ausência de pensamento e devolve à mulher negra o poder de nomear a própria realidade.

Mediante a isso, ao articular as discussões em torno de gênero e raça como elementos estruturantes da sociedade, Crenshaw (2002) oferece o conceito de interseccionalidade, que é uma base fundamental para a compreensão acerca da condição da mulher negra na literatura e na vida social. Nesse contexto, a experiência de Carolina não pode ser lida apenas pela ligação da pobreza ou da desigualdade, mas, sobretudo, pela sobreposição de opressões que entrecruzam. Diante disso, Crenshaw (2002, p. 49) enfatiza:

As experiências das mulheres negras não podem ser compreendidas se analisadas a partir de apenas um eixo de opressão. O racismo e o

sexismo são sistemas entrelaçados que se reforçam mutuamente, produzindo formas específicas de exclusão que não são captadas por teorias que os tratam separadamente.

Com base no exposto, há ênfase que a obra caroliana não fala apenas sobre a miséria material, mas da violência simbólica que define quem pode ser reconhecido como sujeito. Nesse impasse, o texto presente em *Quarto de Despejo* funciona como uma denúncia interseccional: enfatiza sobre a pobreza ter cor e gênero, e, principalmente sobre como as dores de uma mulher negra são atravessadas por estruturas históricas de exclusão.

Kilomba (2019) pontua que o racismo é como uma ferida colonial, assim, ela propõe que o ato de narrar a própria história é uma forma de cura e descolonização da mente. Neste caso, Carolina, ao escrever de forma precisa e necessária sobre a fome, preconceito e a desigualdade, ela realiza uma catarse que transcende a experiência individual. Com base nessa ideia, nota-se que a sua escrita é coletiva, uma vez que carrega em si a voz de tantas outras mulheres negras silenciadas. Desse modo, Kilomba (2019, p. 112) observa:

A escrita negra é um processo de libertação que confronta o racismo não apenas como sistema externo, mas como trauma internalizado. Narrar-se é um ato de cura, pois ao recontar o próprio sofrimento, o sujeito racializado se reposiciona como autor da sua história, rompendo o ciclo de inferiorização.

Diante dessas corroborações, a obra *Quarto de Despejo* entra em um ideal de não ser apenas um diário: é um manifesto da libertação simbólica e principalmente por ser literatura. Ao fazer a leitura cuidadosa da obra, é perceptível o encontro sob a perspectiva de que o gesto de Carolina não é apenas descritivo, mas terapêutico — ela transforma a dor em palavra e a palavra em memória social. Mediante a isso, a sua narrativa ao dar visibilidade ao cotidiano invisibilizado, ela traz uma promoção sobre a reconfiguração do imaginário sobre o corpo, a voz e a existência da mulher negra.

Em outra ideia, Carneiro (2003, p. 118) pontua que “a mulher negra é marcada por uma dupla desqualificação: de gênero e de raça. Ela é o outro do outro, o que significa ocupar o lugar mais distante da humanidade reconhecida”. Através disso, observa-se ecos diretos para com a experiência de Carolina, onde revela a luta diária pela sobrevivência e dignidade. Compreende-se que a autora não escreve a partir de um lugar de privilégio,

mas sobre um lugar de escassez, fome e marginalização, pois é através desse espaço de exclusão que ela constrói uma voz transformadora, afirmativa e potente.

Nesse interim, Carolina usa a sua escrita simples e direta como uma estratégia de resistência estética, ela traça reflexões em torno da oralidade viva e uma atravessada pela urgência de sobrevivência. Através desse ponto, Evaristo (2005, p.48) afirma que “nossos textos nascem de nossas dores, de nossas alegrias, de nossas vivências e de nossas ancestralidades”. É nesse meio que a escrita emerge da vida e da experiência da mulher negra, servindo como luta para um lugar de fala na literatura.

Partindo da ideia de escrevivência, é possível compreender que Carolina não é apenas uma escritora que narra sofrimento, mas acima de tudo, uma intelectual que usa a sua escrita como transformações de sua vivência em matéria de reflexão crítica. Destarte, a sua narrativa e escrita serve como reivindicações frente a humanidade negada e de produzir conhecimento a partir da margem. Diante desse caráter, Gonzalez afirma que a mulher negra brasileira produz um saber situado, um “pensamento americano”, tendo fortes articulações entre a memória, identidade e resistência. Neste caso, Gonzalez (1988, p. 75) destaca que “A amefricanidade é a consciência de um lugar histórico e político que se constrói nas lutas de libertação dos povos negros nas Américas”.

Nessa mesma discussão, compreende-se que Carolina Maria de Jesus torna-se uma percursora do pensamento amefricano, uma vez que a sua escrita traz denúncias estruturais, coloniais e patriarcais, ao mesmo momento que propõe um novo modo de ver e narrar o mundo. A partir disso, é notório a observância de que Carolina escreve a partir do espaço “Quarto de Despejo”, mas transforma esse lugar de descarte em um território de produção de saber. De tal modo que esse ato de escrever é, em si, uma maneira de reconfiguração epistemológica, onde desafia o cânone literário e as fronteiras da representação.

Por sua vez, Spivak (2010, p. 92) questiona: “Pode o subalterno falar?”. Na situação expressada através da narrativa de Carolina, pondera-se de forma radical e afirmativa: ela fala, e sua fala ecoa através das páginas, rompendo o silêncio imposto socialmente. Nisso, convém lembrar que a

representação do cotidiano da autora, a fome e a resistência é um retrato do corpo negro feminino em território de luta.

Conforme os dados históricos, Carolina escreveu a sua obra em período marcado profundamente pela desigualdade, o Brasil era e é atravessado pelo mito da democracia racial, onde mascarava o racismo estrutural. Diante disso, a sua obra desmonta essa ideia de mito, mostrando que a cor da pele e o gênero determinam as oportunidades de vida. Nesse contexto Ribeiro (2017) surge como o conceito de lugar de fala, permitindo inferir que isso não se trata de um espaço de privilégio discursivo, mas sobre o reconhecimento das condições sociais que moldam quem pode ser ouvido. A partir desse sentido, Ribeiro (2017, p. 63) pontua: “Falar a partir do lugar de fala é compreender que nossas experiências são atravessadas por marcadores sociais e que eles influenciam o modo como somos percebidos e tratados na sociedade”.

Após uma leitura minuciosa em *Quarto de Despejo*, é possível constatar que Carolina escreve precisamente a partir de seu lugar de fala — mulher negra, favelada, mãe solo —, e, ao fazê-lo, ela causa uma ruptura em torno do silenciamento imposto pela branquitude letrada. De forma inteligente, ela transforma o diário em um instrumento essencial de denúncia e reivindicação de cidadania. Assim, a fome, cuja descrição é crua e honesta, aparece tanto como uma realidade biológica quanto uma metáfora da exclusão social. A autora nomeia a fome, escreve sobre ela e, com isso, politiza a própria existência.

O presente gesto de nomear para Fanon (2008), é um ato de libertação. Na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o autor corrobora com a discussão afirmando que o colonizado é despojado de sua linguagem e, portanto, de sua humanidade. Desse modo, Carolina, ao escrever, ela faz uso de uma reapropriação da palavra e reconquista o direito de existir simbolicamente. Fanon (2008, p. 145) diz que: “Falar é existir absolutamente para o outro”. Nesse ideal, Carolina ao usar a sua escrita afirma a sua presença e rompe com a invisibilidade imposta.

Para tanto, observa-se a maneira de como Carolina faz a articulação entre a maternidade e resistência. Diante disso, observa-se que ser mãe na favela é uma experiência atravessada pela dor e pela força. Nisso, a escrita da

autora reflete-se com predominância sobre a criação dos filhos revelando o quanto o papel materno, para a mulher negra, é sobrecarregado pela ausência de políticas públicas e negligência social. Tais percepções são refletidas por Collins (2019), onde ela denomina que esse processo de controle da imagem, em que o sistema cria estereótipos que aprisionam as mulheres negras em papéis sociais desumanizantes. Destarte, Collins (2019, p. 28) explica que “o controle das imagens é uma estratégia de poder que busca legitimar a dominação racial e de gênero”.

Ademais, Carolina, através da sua escrita reflexiva, crítica e social, desarticula tais estereótipos ao narrar a sua própria versão da maternidade: ela é mãe, trabalhadora, escritora e pensadora. Assim, a sua voz literária tem a resistência frente as representações negativas que o imaginário social construiu sobre as mulheres negras e pobres.

Kilomba (2019) ainda pontua sobre as “narrativas coloniais”, onde, por sua vez, a obra caroliniana se insere como desestabilização dessa ideia, ela reconta a sua própria história, devolve a si e as outras mulheres negras o poder de definir as suas identidades fora do olhar colonizador. Diante disto, Kilomba (2019, p. 57) explica: “Narrar é reescrever o mundo, é devolver ao sujeito negro o direito de se ver e de ser visto com dignidade”. É nesse percalço que o Quarto de Despejo tem a sua concretização de transformar a dor em linguagem e a exclusão em consciência crítica.

A escrita de Carolina também quebras outros paradigmas como a ideia de que a literatura deve ser neutra ou despolitizada, ela se insere sendo uma escrita engajada, militante, assumindo uma posição ética diante da desigualdade. Diante desse pensamento, Hall (2003) surge com o exposto que toda a representação é política e que as identidades são construções em disputa. Hall (2003, p. 107) afirma: “A identidade não é algo fixo, mas um processo de constante formação e transformação”. Destarte, Carolina ao narrar a sua vida, ela caminha numa reconstrução da identidade da mulher negra brasileira como sujeito histórico e agente de mudança.

Em outro contexto afirmativo, Akotirene (2019, p. 94) pontua: “As narrativas das mulheres negras são atos de insubordinação epistêmica, pois reescrevem a história a partir das margens”. Diante desse fator, destaca-se que

a obra de Carolina traz uma antecipação em torno dos debates atuais sobre a interseccionalidade e feminismo negro no Brasil.

Para tanto, a afirmativa ligada a obra *Quarto de Despejo* ela transcende entre o tempo e o espaço. Assim, a autora através da sua escrita rompe com o silêncio colonial e propõe uma ética de escuta e reconhecimento. A sua literatura caminha para o desvelamento sobre o racismo estrutural, o patriarcado e a exclusão de classe, ao mesmo sentido que traz a afirmativa sobre a potência da mulher negra como sujeito político, intelectual e estético. Por fim, ao se pensar em gênero e raça na obra de Carolina Maria de Jesus, pensa-se, sobretudo, em libertação — da palavra, da história e do próprio ser.

4 SOBRE OUTROS OLHARES, A OBRA EM EVIDÊNCIA

4.1 O processo de Escrivivência, *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

Em consonância, ao olhar atento às questões sociais do Brasil, observa-se que desde muitos anos, a mulher é colocada em um espaço de silenciamento frente às normas masculinas, e isso se torna cada vez mais impactante quando se reflete sobre a mulher enquanto gênero, e a mulher preta enquanto cor de pele. É nesse sentido que se pauta a discussão em torno da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Desse modo, enveredando as particularidades da obra torna-se fundamental ponderar uma passagem da referida obra em questão e que marca a presença da “Escrivivência” em torno da sua sensibilidade de ser mãe e negra: “Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (Jesus, 1993, p.45).

Ao abordar a “Escrivivência” na passagem acima, cabe dizer que o ato da escritora em escrever sobre a sua rotina insere-se numa perspectiva de alteração social, ou seja, há tempos a mulher negra era contada através do olhar da branquitude, numa simbologia depreciativa e que não contemplava a real coerência entre a história, os fatos contatos pela própria pessoa preta.

Carolina ao falar sobre a sua relação com os filhos, é nítido a evidência da dimensão ética em torno da maternidade diante da pobreza. Ela afirma: “Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos” (Jesus, 2014, p.22), assim, ao afirmar ela revela a sua consciência materna reconhecendo a necessidade de exercer a paciência e ao mesmo tempo que compreende as diversas tensões provocadas pela fome e pelas dificuldades cotidianas. Através disso, sabe-se que a maternidade surge como espaço de responsabilidade moral, e, sobretudo, de resistência frente às adversidades impostas pela vida na favela.

Ser mãe solteira e viver à margem é uma multiplicidade de desafios e é através disso que a autora reflete sobre as dificuldades de viver sem um companheiro, assim, ela pontua “como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (Jesus, 2014, p.22). Tal reflexão demonstra

uma percepção crítica em torno da desigualdade de gênero existente na sociedade. Diante disso, ela denuncia de forma implícita sobre a estrutura social que atribui aos homens o papel de provedor e que acaba deixando as mulheres em situação de maior vulnerabilidade quando precisam enfrentar sozinhas as dificuldades econômicas.

Diante dessa realidade, Carolina destaca que precisa conciliar o trabalho com o cuidado materno “tenho que levar a minha filha Vera Eunice” (Jesus, 2014, p. 22). A presente situação demonstra de forma enfática de como a maternidade e o trabalho não podem ser dissociados em sua rotina, uma vez que a ausência de recursos e de apoio social traz a necessidade de levar a criança para o espaço de trabalho. Por outro lado, a autora frisa que “ela está com dois anos e não gosta de ficar em casa” (Jesus, 2014, p.22). A partir dessa afirmativa, há como entender que a criança tem presença constante nas atividades diárias da mãe, assim, revela como o cotidiano familiar se organiza em torno das exigências da sobrevivência, e como a infância se desenvolve alicerçados a contextos marcados pela precariedade e informalidade do trabalho.

Para além disso, a autora também descreve a cena sobre a situação de carregar simultaneamente o peso do trabalho e da maternidade “eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços” (Jesus, 2014, p.22). Nesse contexto, simboliza a sobrecarga física e emocional atravessada pelas mulheres pobres e que acumulam funções de trabalhadoras e cuidadoras em um mesmo espaço de sobrevivência.

Sendo assim, essa condição é reforçada pela autora quando ela ratifica: “Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços” (Jesus, 2014, p.22), assim, percebe-se a repetição da palavra “peso” e isso produz um efeito simbólico relevante, uma vez que há uma dupla carga que recai sobre a escritora: o trabalho exaustivo e a responsabilidade materna.

Apesar de tudo, mesmo enfrentando diversas dificuldades, a autora consegue revelar alguns de seus conflitos emocionais: “Tem hora que revolto-me. Depois domino-me” (Jesus, 2014, p.22). Diante desse contexto, é possível compreender sobre o movimento interno entre o autocontrole e a revolta, permitindo ver a evidência da dimensão psicológica da experiência da pobreza.

Assim, Carolina reconhece a injustiça de sua condição, mas precisa conter a sua revolta para continuar lutando pela sobrevivência dos filhos.

Por outro lado, a autora também reafirma o seu compromisso ético sobre a maternidade ao pontuar que “ela não tem culpa de estar no mundo” (Jesus, 2014, p.22). Nesse conforme, é observável uma consciência moral de Carolina, onde ela compreende a necessidade de proteger a criança mesmo diante das condições adversas impostas pela pobreza.

Ademais, sabendo do potencial da obra *Quarto de Despejo* desde o seu lançamento até o momento atual é inadmissível encontrar estudiosos e estudantes que não conhecem, não leram, não tiveram indicações de leitura sobre a obra, a partir disso nota-se a mesma preocupação exposta por Gonzalez (2018), onde a sociedade insiste em dizer o que é literatura, define que pode fazer literatura e qual literatura é a mais importante. Só que em contraposição, Carolina Maria de Jesus se opôs ao sistema literário racista e demonstrou que escritoras pretas sabem e podem fazer literatura de qualidade e com grande impacto social. Somado a isso, Rocha (2021, p.43) diz:

É sabido que historicamente a literatura construiu uma imagem pejorativa e estereotipada dos negros, principalmente da mulher negra, descrevendo-a como mulata assanhada, que busca e dá prazer. O discurso da literatura afrobrasileira busca desconstruir esses estereótipos que foram impostos pelo branco, contribuindo para a (re)construção da identidade negra e carregando em si (re)significados que contribuíram e constroem a nação.

Por sua vez, Rocha (2021) traz uma afirmativa pertinente, uma vez que permite refletir que quando Carolina começou a escrever ela deu novas possibilidades de existências, ela se imortaliza e caminhou para que outras mãos pretas que escrevem, são sensíveis, reais, vivas e femininas pudessem desbravar os meios literários. Carolina foi ruptura enquanto estava viva, agora ela é transgressão, a mulher preta que trouxe a favela, o cotidiano, os incômodos, críticas sociais, e, sobretudo, a esperança de uma mãe em dias melhores.

Em consonância, além das questões de gênero, as questões raciais aparecem como marcas profunda da desigualdade social que marca a vida na favela, assim, ela diz: “atualmente somos escravos do custo de vida” (Jesus, 2014, p.11). Assim, quando Carolina utiliza a metáfora da escravidão ela

estabelece uma relação entre a exploração econômica contemporânea e as desigualdades históricas que atingem principalmente a população negra.

Diante desse contexto, é notório a precariedade das condições de vida aparece de forma concreta quando Carolina relata: “Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar” (Jesus, 2014, p.11), com essas palavras observa-se as estratégias de sobrevivência desenvolvidas na favela, onde os objetos descartados pelas pessoas passam a ser reutilizados como maneira de garantir condições mínimas de dignidade.

Ademais, Carolina tinha um olhar crítico e ela sempre observava o impacto da realidade do espaço inserido ao redor das crianças, afirmando que “já percebi que minha filha é revoltada. Ela tem pavor de morar na favela” (Jesus, 2014, p.79). Com base nesse contexto, é nítido de como a experiência da pobreza não afeta apenas as condições materiais, mas a formação subjetiva das crianças que crescem nesse ambiente.

Mantendo a discussão, a autora pontua que “nós, os pobres, somos os trastes velhos” (Jesus, 2014, p.170), essa percepção evidencia o processo de desumanização sofrido pelos moradores da favela, tratados como objetos descartáveis pela sociedade. Nesse sentido, observamos a questão racial como um fator de exclusão e isso fica evidente na narrativa caroliana.

Assim, a escritora pontua: “escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados” (Jesus, 2014, p.170). Nesse meio, ao refletir sobre a sua própria escrita, ela assume o papel de narradora de uma experiência coletiva marcada pela pobreza, onde transforma o diário em um testemunho histórico, e, sobretudo, instrumento das desigualdades sociais.

Através disso, a autora, Carolina Maria de Jesus sempre esteve à frente do seu tempo, mesmo com as diversas dificuldades do dia a dia. E, olhar a sua realidade foi um meio de se colocar frente aos debates passados e presentes dentro de seus diários. Nesse caso, reflete-se sobre o ser mulher negra de antes, pois o papel que a autora tomou foi de transformação de quebras de tabus.

Mediante a vida sofrida da autora e dos filhos, é possível ver o encontro da escrita como uma forma de libertação, ou seja, como meio de imergir para outros cenários criativos e de ressignificar a realidade que é vivida por ela, “quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os

dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (Jesus, 2014, p. 22). Através disso, encontra-se o fator da escrevivência ligado a esse fragmento, permitindo entender que o ato da escritora escrever não é apenas uma simples atitude, por mais que ela tivesse pouco estudo, ela sentia-se na obrigação de desvairar através das vivências que transferia para os seus amontoados de papéis.

Ao ler a obra nota-se que há muitas passagens que coloca o leitor em um estado emocional reflexivo, observa-se isso em um trecho muito famoso de Quarto de Despejo, onde é exposto que a fome se difere da embriaguez (pois para Carolina muitos de seus vizinhos se embebedam para esquecerem sua condição social, sua miséria e sua fome), ela diz que: “a tontura do álcool nos impede de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”. Assim, quando ela pontua isso há um posicionamento de reconhecer a sua própria dor diária, uma vez que a sua realidade é insegura e injusta para uma mulher preta que têm seus filhos para criar em meio a tantos desafios que dificultam a sua própria sobrevivência.

Por outro lado, a autora expõe, também, além de ser negra, favelada e pobre, a invisibilidade social também se torna um fator que lhes inferioriza, pois ela e seus filhos tornam-se automaticamente pessoas invisíveis, ignoradas por aqueles que têm maior condição social e que não sentem na pele a dor da violência e da pobreza. Nesse cenário apresentado, Carolina conta que escreve em seus diários, materiais encontrados no lixo, como uma maneira de fugir um pouco da sua realidade, mesmo sentimento vivido por muitos escritores, usam a escrita como meio de pensar em outro contexto. Ademais, a escritora sentia que ao escrever ela podia ter mais esperança e isso o fazia sonhar na hipótese de que algum dia alguém iria ler os seus relatos contidos nos diários e assim proliferar o entendimento mínimo do que ela havia passado, tirando-a de seu status de invisível. Em consonância, a autora diz:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. [...] O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebê pinga, o branco bebê. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (Jesus, 2014, p. 64).

No exposto, observa-se que Carolina demonstra um respeito total pela sua construção história e racial, denotando-se, sem exagero, a satisfação em ser uma mulher preta e escritora. Apesar disso, percebe-se a existência, de antemão, do racismo escancarado e ao olho nu, o que inviabiliza o êxito da escritora em ascender escrevendo peças para os circos. Assim, logra-se ao racismo estrutural e institucional que até hoje impedem o acesso de pessoas pretas em diferentes espaços.

Além disso, a autora promove uma reflexão direta sobre a ideia de superioridade racial que foi construída historicamente pela sociedade branca. Assim, ao fazer a comparação acerca das necessidades e condições humanas básicas — como beber, adoecer e sentir fome — ela pontua que todos os seres humanos possuem as mesmas condições naturais de existência, ou seja, ela desmonta o argumento racista de hierarquização entre raças, e mostra que essas distinções são socialmente construídas e não há nenhum fundamento com a natureza. De tal modo que quando a autora firma que “a natureza não seleciona ninguém”, ela quer reafirmar a igualdade essencial entre os indivíduos, utilizando a sua escrita como ferramenta de resistência, denúncia e valorização da identidade negra. Assim, ela pondera:

Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo, ou – ou joga-se no lixo. Quando estou na cidade, tenho a impressão que estou na sala de visita, com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo (sic), almofadas de sitim (sic). Quando estou na favela, tenho a impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo (Jesus, 2014, p.31).

Ao refletir sobre o exposto, nota-se que Carolina faz uso de uma metáfora para representar a condição de marginalização social vivida pelos moradores da favela. Diante disso, ao afirmar que ela está no “quarto de despejo”, a escritora associa a favela ao espaço da casa onde são colocados os objetos descartados ou considerados sem utilidade. Desse modo, a presente comparação traz evidências sobre como a sociedade urbana tem organizado simbolicamente os seus espaços, dando prioridades e reservas para determinados grupos sociais, enquanto empurram os mais pobres para as áreas periféricas, desvalorizadas e invisibilizadas. Ademais, ela permite-nos a entender que a exclusão social não apenas aparece em torno das condições materiais de vida, mas pela forma de como os sujeitos são percebidos e tratados dentro da estrutura social.

Por outro lado, ao trazer o contraste em torno da “sala de visita” marcada por elementos de luxo como lustres de cristal e tapetes de veludo, com a realidade da favela, a escritora traz uma construção crítica frente à profunda desigualdade existente na sociedade brasileira, ou seja, a “sala de visita” tem como representação o espaço da elite, aparência e prestígio social, enquanto o “quarto de despejo” tem como simbologia o abandono, descarte e a invisibilidade. Assim, quando a autora afirma que se sente como um “objeto fora de uso”, ela denuncia o processo de desumanização que atinge os sujeitos marginalizados.

Além de ser atual, a obra também denuncia a falta de políticas públicas na presente favela, onde a fome faz parte do dia a dia dos moradores, e como relatado, o suicídio, às vezes, é uma saída para não sentir a dor de não ter o que comer.

Li que uma senhora e três filho havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. (...) A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo. (...) Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: matar-se Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! Penso: será que ela procurou a Legião Brasileira ou Serviço Social? Ela devia ir nos palácios falar com os manda chuva. ... A notícia do jornal deixou me nervosa. Passei o dia chingando os políticos, porque eu também quando não tenho nada para dar aos meus filhos fico quase louca (Jesus, 2014, p. 62-63).

Carolina Maria de Jesus, se imortaliza e deixa uma obra que denuncia várias situações que acontece no Brasil, e, apesar de toda modernização, percebe-se que a política ainda anseia em tirar a comida do pobre para satisfazer os seus bolsos. Por fim, a obra Quarto de Despejo fomenta relatos fiéis das dificuldades vividas por uma mulher, negra e pobre em meio à favela, enfatizando as vivências e dificuldades para criar seus três filhos, além de sobreviver em meio à sua condição de invisibilidade e sua miséria, e mesmo com todos os empecilhos encontra através da religiosidade esperanças de mudança apesar de tudo o que passa diariamente. Assim, Carolina expõe que o corpo faminto é também um corpo que luta e que escreve, corpo que não aceita o apagamento.

Em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes.

É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos (Jesus, 1960, p. 39).

Diante do fragmento exposto, essa memória histórica da expulsão urbana traz evidência de que o “Quarto de despejo” não se insere numa definição literária, mas sobre uma definição de denúncia social concreta, onde o espaço urbano segrega e transforma vidas em resíduos humanos.

É possível afirmar que a obra, além de denúncia, é uma narrativa que transforma o sofrimento pessoal em um testemunho coletivo, e é nessa ligação que Gonzalez (1988) chama de “memória da dor negra”: ato de narrar para ressignificar a exclusão. Nessas conjecturas, Carolina, ao escrever, ocupa o lugar da palavra como gesto político, pois a escrita traz rupturas e rompe o silêncio imposto às mulheres negras e pobres. Assim, reflete-se:

Não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora (Jesus, 1960, p. 173).

A presente confissão funciona como um manifesto, ela reivindica a sua história e o seu direito de existir como autora. Esta parte do diário se insere em outra dimensão, deixando de ser apenas um registro da fome para se tornar um testamento de resistência e consciência de classe. Além disso, a escrita de Carolina dialoga com o que hooks (2000) intitula de “escrita de cura”: o texto como espaço de libertação e reconstrução. É perceptível que Carolina cura-se ao narrar, e a sua cura é coletiva — de todas as mulheres que sofrem fome de pão e de amor. A fome de comida é suprida com o trabalho; a fome de afeto, com a palavra.

De forma minuciosa, há de se falar sobre a dimensão poética da obra, quando Carolina escreve: “As flores, como senti que iam nascer, insistem em ser roxas: a cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos” (Jesus, 1960, p. 123). Observa-se que a natureza é usada como espelho da dor social, uma vez que a cor roxa simboliza a fome coletiva e a metáfora floral transforma a pobreza em uma linguagem poética e política.

Ademais, Carolina afirma: “Os ratos, ossos e lama são os alimentos do desespero a que famintos recorrem (Jesus, 1960, p. 102). Ao se aproximar disso, há o escancaramento do abismo da miséria, tornando o invisível visível. Carolina ao registrar através da escrita ela mostra sem disfarces a

desumanização da fome, traçando diversas provocações em torno da reação ética do leitor. Nesse contexto, é válido pontuar que é um testemunho de quem viveu o limite do suportável.

Apesar das situações de vulnerabilidade vividas, a autora sempre viu o seu trabalho como continuidade de um processo de sobrevivência, ela pontua: “Fui catadora de papel. Do lixo da cidade recolhia meus trocados e deles sustentava meus filhos. Era do lixo que eu tirava o pão de cada dia” (Jesus, 1960, p. 56). Com base nisso, ao narrar sobre o seu trabalho, ela traça uma ressignificação da própria identidade, vincula-se, também, a sobrevivência à parentalidade.

Em outro contexto, Segato (2019) explica de forma clara que, em sociedades patriarcais e racistas, a mulher pobre sustenta o mundo com seu corpo, e isso é visto como Carolina-mãe faz esse percurso desafiador: trabalha, escreve e alimenta os seus filhos, tornando-se um símbolo de resistência e coletiva.

Por outro lado, Carolina traz uma nova afirmação: “Não escrevo para o povo dos salões. Escrevo para o povo dos barracos, para quem vive como eu vivi, para quem sente o mesmo frio, a mesma fome, o mesmo abandono” (Jesus, 1960, p. 171). A partir dessa ideia ela define o propósito social de sua escrita, ela destaca que a sua produção faz parte de uma literatura que nasce do povo e retorna a ele, cumprindo o papel pedagógico e político de revelar o que o Brasil tenta esconder.

Em face disso, ao fazer caminhar por essa significância, Carolina se aproxima da pedagogia do oprimido, de Paulo Freire (1987), que defende a conscientização por meio da palavra. Desta forma, Carolina é, nessa definição, uma educadora popular: sua escrita desperta consciência e solidariedade entre os pobres. Por fim, ela reitera: “Ser mãe na favela é um ato de resistência, porque cada dia vivido, cada prato de água conseguido, cada sorriso de criança é uma vitória sobre o silêncio e a invisibilidade” (Jesus, 1960, p. 176). Assim, a obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada é um grito de dignidade e denúncias sociais. Porque ser mãe é lutar, resistir e desafiar a exclusão — é transformar a fome em vida.

[...] os políticos só aparecem aqui na época eleitorais. O senhor Cantido Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era agradável. Tomava nosso café,

bebia nas nossas xicaras. Ele nos dirigia a suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. [...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (Jesus, 1960, p. 28).

No fragmento em destaque, ela apresenta uma crítica contundente sobre o comportamento oportunista da parte da classe política em relação com às populações marginalizadas. Assim, a autora relata que os políticos apenas visitam em períodos eleitorais, e ela traz evidencia que a prática é recorrente e de forma estratégica, apenas motivada pelo interesse de conquistar votos. Diante disso, frisa-se que, apesar da baixa escolaridade de Carolina, ela possui uma visão interpretativa sobre o mundo que lhe cerca, opinando e escrevendo sobre aquilo que lhe incomoda.

4.2 O processo de escrita em *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

A escrita para Carolina foi uma maneira de desabafo e de poder sonhar em dias melhores, através disso, ela sempre acreditou que um dia venderia seus livros para que pudesse dar novas oportunidades para os seus filhos, estes que tanto impulsionou a continuar:

Além disso, Carolina afirma: [...] “Sentei no sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: - Está escrevendo, nega fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam” (Jesus, 1960, p. 24). [...] Ao observar tal fragmento, é possível encontrar a presença do racismo e da violência simbólica direcionados à Carolina, quando uma criança tece a reprodução de um insulto racial enquanto a autora escreve. Diante disso, a ausência de repreensão por parte da mãe da menina denota um comportamento que se naturaliza nas relações sociais, sendo transmitido e aprendido desde a infância. Além disso, tal fragmento também enfatiza que o preconceito racial não se manifesta apenas em ações explícitas de discriminação, mas também em práticas cotidianas que reforçam a marginalização de sujeitos negros e pobres. Nesse sentido, quando Carolina

registra esse momento em seus diários ela transforma uma experiência de agressão em denúncia social.

...Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe: Não! É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse: - Bate que eu abro a porta. Mas meu coração não pede para eu ir no quarto dele (Jesus, 1960, p. 24-25).

Ademais, conforme a afirmativa, Carolina enfatiza sobre a sua autonomia e principalmente sobre a sua determinação em escrever. Assim, após a recusa do convite insistente de Seu Gino, a autora tem consciência, conhecimento dos seus objetivos e as suas prioridades: escrever um livro que pudesse lhe proporcionar melhores condições de vida. A partir disso, a escrita aparece como um projeto de transformação social e pessoal, pois Carolina acredita que a publicação de sua obra poderia permitir a compra de um terreno e a saída da favela.

Por outro lado, Magnabosco (2003) enfatiza que Carolina Maria de Jesus, mesmo sendo catadora de papel, transgrediu papéis de gênero e ocupou espaços tradicionalmente masculinos no campo público e literário (Magnabosco, 2003, p. 88-89). A partir disso, a obra em questão não apenas representou uma novidade na época, mas se tornou um material de extrema riqueza literária a ser debatida e analisada em outros tempos e tempos atuais, dentro e fora da academia, espaços cujos ainda são governados pelo racismo estrutural e institucional.

Por outro viés, é visto dentro da obra que a autora representa um grupo que há tempos alguns grupos da sociedade os consideram como sujeitos inferiores, repetindo uma alta ignorância humana. Para tanto, Fernandez e Tolentino (2004) menciona:

Carolina Maria de Jesus representa a voz daqueles indivíduos situados no quadro da lógica capitalista de exploração do trabalho, esta que nos anos 1950 já havia marcado o território e substituído o trabalho humano pelo da máquina. Afinal, fazia parte de um projeto de Brasil que iniciava a sua industrialização e a substituição da mão de obra no campo, num contexto de desentrelaçamento do atraso brasileiro, quando o binômio Crescimento/Pobreza se aprofunda, mostrando as nossas desigualdades mais acirradamente, sobretudo na cidade de São Paulo (Fernandez; Tolentino, 2004, p. 54).

Em consonância com a exposição, entende-se que a obra caroliana pode ser compreendida como um testemunho das contradições do projeto de

modernização brasileiro. Dada a época de 50 havia um discurso que defendia o crescimento econômico e o progresso industrial, assim, de forma contraditória, grande parte da população permanecia à margem desse desenvolvimento, vivendo em condições de extrema pobreza, como nas favelas paulistanas retratadas em seus diários.

Desta forma, reverenciar a voz potente de uma mulher negra que viveu em seu tempo em situações desumanas é perceber que ela assume o papel de porta-voz dos sujeitos invisibilizados pela narrativa dominante da modernidade, ou seja, revela como o chamado progresso convivia com a miséria e a exclusão. Diante disso, Carolina narra a própria experiência de sobrevivência não apenas como mulher, mas como mãe e catadora de papel.

Mantendo o olhar mais crítico, é necessário dizer que ao aprofundar a análise da escrevivência enquanto categoria central da referida pesquisa, é visto o tensionar os seus próprios limites, traçando a compreensão que, embora tenha a configuração de uma potente ferramenta de resistência e produção de conhecimento, ela não está imunizada aos processos de esvaziamento conceitual quando apropriada de forma descontextualizada. Através dessa argumentação, é relevante trazer o questionamento de que até ponto a escrevivência, ao ganhar visibilidade no campo acadêmico e editorial, corre o risco de ser institucionalizada e, conseqüentemente, afastada de sua dimensão insurgente e política originária.

Dessa forma, ao fazer a ligação para a obra Quarto de Despejo, há observância de que Carolina Maria de Jesus não escreve com o objetivo de atender a um projeto literário formal, mas, acima de tudo, registrar a sua urgência de sobrevivência, o que reforça a ideia de que a sua escrita emerge de uma necessidade vital. Através dessa característica, há um tensionamento entre a própria noção de literatura enquanto campo elitizado, frisa-se sobre a evidência de que a experiência vivida traz uma constituição como um elemento legítimo de produção estética e epistemológica.

A partir disso, ao fazer essa articulação em torno da perspectiva frente ao conceito de escrevivência, conforme defendido por Conceição Evaristo, percebe-se que a escrita de Carolina não é uma simples representação da sua vivência, mas a transforma em um instrumento de denúncia e de construção de memória coletiva. Nesse entorno, a escrevivência

não é apenas uma narrativa, mas funciona como uma prática política que confronta especificamente as estruturas de poder cuja historicidade silenciaram às mulheres negras.

Em contrapartida, torna-se relevante a problematização em torno da centralidade da dor nas narrativas de mulheres negras pode, sob determinados contextos, ser capturada por uma lógica de consumo que exotiza o sofrimento. Diante dessa tessitura, há exigência de uma leitura crítica que não romantize a precariedade, mas que haja um reconhecimento sobre a complexidade dessas narrativas, evitando a redução da estética da dor.

Corroborando com essa lógica, o diálogo com as autoras bell hooks e Angela Davis é de uma dimensão fundamental, uma vez que ambas fazem apontamentos sobre a necessidade de compreensão sobre as experiências das mulheres negras ligada a perspectiva interseccional. Nesse meio, a análise da obra *Quarto de Despejo* permite refletir sobre as questões raciais, gênero e classe, onde não operam de forma isolada, mas fazem entrelaçamento na produção das desigualdades vivenciadas pela autora.

Ademais, ao caminhar pelas contribuições de Sueli Carneiro sobre a temática do epistemicídio, é perceptível que a marginalização da escrita de Carolina não surgiu apenas por critérios estéticos, mas sobre uma lógica racializada de uma deslegitimação do saber. Nesse sentido, a escrevivência transita como elemento de resposta ao processo histórico de exclusão, reafirmando a validade das experiências negras como fonte de conhecimento.

Ao traçar uma ampliação em torno dessa discussão, a escrevivência pode ser compreendida como uma metodologia de pesquisa, em especial para o campo das ciências humanas, ao permitir a valorização das narrativas que partem da experiência vivida. De tal modo, essa perspectiva rompe com a tradição positivista e abre espaço para outras epistemologias reconhecendo a subjetividade como elemento constitutivo do conhecimento.

Por outro lado, precisa ser enfatizado que essa valorização da experiência não pode ser interpretada como ausência de rigor, mas como elemento de redefinir os critérios de validação do saber. Assim, a escrita caroliana desafia, sobretudo, os modelos tradicionais da produção científica, demonstrando que a vivência também é um campo de legitimidade de elaboração crítica.

Outro fator importante liga-se à linguagem utilizada por Carolina, uma vez que ao se distanciar da norma culta padrão, ela reafirma a legitimidade de outras formas de expressão. Através desse pensamento, quando a autora usa esse tipo escrita não há uma representação limitante, assim, constitui-se como um ato político que permite o questionamento sobre os padrões linguísticos impostos pela elite letrada.

Outrossim, ao mergulhar no diálogo com Grada Kilomba há compreensão sobre como a linguagem pode operar em duas vertentes: como instrumento de opressão e de libertação. Nesse interim, quando Carolina se apropria dessa noção, ela ressignifica a palavra transformando-a em elemento de denúncia e de afirmação de sua existência.

Por outro olhar, vale ressaltar que a recepção da obra *Quarto de Despejo* possui uma ambivalência significativa: se por um lado ela foi amplamente divulgada, por outra foi alvo de críticas que desqualificavam a sua escrita. De tal modo, essa contradição revela as tensões presentes no campo literário, sobretudo quando se remete ao respeito à legitimação de vozes periféricas.

Sob essa afirmativa, há noção da necessidade de repensar o cânone literário, onde amplia os critérios de inclusão e reconhece a importância das obras que emergem de contextos historicamente marginalizados. Assim, a escrevivência, nesse sentido, contribui de forma essencial para a construção de uma literatura mais plural e representativa.

Enveredando para a discussão em torno do campo educacional, a obra caroliana torna-se um potencial pedagógico, pois a sua escrita possibilita a problematização de temas como desigualdade social, racismo e exclusão, permitindo a contribuição para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

Pela ideia, ao inserir a obra de Carolina nos currículos escolares, rompe-se como a lógica eurocêntrica que historicamente teve predominância na educação brasileira, tendo a ampliação do repertório cultural dos estudantes e promovendo a valorização da diversidade.

Por outro contexto, pode-se destacar sobre a dimensão afetiva presente na escrita de Carolina, podendo ser visto pela manifestação na relação com seus filhos e na forma como expõe a narrativa da fome e a

esperança. São esses elementos que firmam à sua obra como potência estética, desafiando às classificações tradicionais.

Ademais, compreendemos que a escrevivência também pode ser como uma escrita do afeto, pontuando-se a mobilização de emoções e provoca reflexões profundas sobre a condição humana, ampliando as possibilidades de leitura e interpretação da obra.

De tal modo, ao considerar o impacto contemporâneo da escrita caroliana, percebe-se que as suas narrativas continuam atuais, permitindo diálogos relevantes sobre as desigualdades sociais no Brasil. Nessa afirmativa, a sua obra não se restringe ao passado, mas se projeta como uma ferramenta de compreensão do presente.

Por fim, ao retomar os objetivos desta pesquisa, evidencia-se que a análise da escrevivência na obra de Carolina Maria de Jesus permitiu compreender sua escrita como prática de resistência, memória e produção de conhecimento, respondendo, assim, às questões propostas inicialmente. Além disso, as questões de gênero e raça são fatores importantes presentes na obra. Nesse sentido, a dissertação reafirma a importância de reconhecer e valorizar a produção intelectual de mulheres negras, não apenas como objeto de estudo, mas como campo fundamental para a construção de novas epistemologias e para a transformação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar aqui, pontuo que as considerações finais desta dissertação não entram na configuração de um encerramento definitivo, mas como a continuidade de um movimento crítico, político e epistemológico que se constrói a partir da escrevivência enquanto prática de resistência, memória e reexistência. Desse modo, tendo como base toda experiência acadêmica adquirida, foi possível compreender, ao longo deste trabalho, que a escrita de Carolina Maria de Jesus não se limita a um registro autobiográfico da pobreza e da marginalidade, mas tem como constituição a ruptura profunda com as estruturas hegemônicas de produção do conhecimento e da literatura, historicamente marcadas pelo silenciamento de vozes negras, femininas e periféricas.

Diante disso, a análise desenvolvida evidenciou que a escrevivência, conforme formulada por Conceição Evaristo, ultrapassa o campo estético e literário, assumindo um papel político fundamental na disputa por narrativas e lugares de fala. Nesse sentido, escrever, para mulheres negras como Carolina, não é apenas um ato criativo, mas uma prática de sobrevivência e de insurgência contra os dispositivos históricos de exclusão. A escrita, portanto, torna-se território de luta, de afirmação e de reconstrução de identidades que foram sistematicamente negadas.

Desse modo, ao retomar a obra *Quarto de Despejo*, percebe-se que Carolina constrói uma narrativa que tensiona as fronteiras entre literatura e documento social, desestabilizando o olhar estigmatizante sobre a favela. Sua escrita não romantiza a pobreza, mas a denuncia com crueza, revelando as múltiplas violências que atravessam o cotidiano de mulheres negras em contextos de extrema vulnerabilidade social. Essa denúncia, no entanto, não se dá de forma passiva, mas carregada de crítica, ironia e consciência política.

Ademais, refletiu-se que a escrita caroliana pode ser compreendida como um gesto de insurgência epistêmica, na medida em que questiona a legitimidade dos saberes institucionalizados e reivindica a validade das experiências vividas como fonte de conhecimento. Nesse sentido, dialoga diretamente com o conceito de epistemicídio, conforme discutido por Sueli

Carneiro, ao evidenciar como determinados saberes são historicamente deslegitimados em função de marcadores sociais como raça, gênero e classe.

Nesse mesmo aspecto, foi possível perceber que a obra de Carolina se insere em um movimento mais amplo de resistência das mulheres negras na literatura brasileira, estabelecendo pontes com outras autoras que também escrevem a partir de suas vivências, como a própria Conceição Evaristo. De tal modo, compreendemos que essa conexão evidencia a construção de uma tradição literária que se ancora na experiência e na coletividade, rompendo com a lógica individualista que frequentemente caracteriza o cânone literário tradicional.

Diante desse percurso, a análise também revelou que a escrevivência se constitui como uma ferramenta de enfrentamento ao racismo estrutural, ao patriarcado e às desigualdades sociais. Ademais, ao narrar sua própria história, Carolina rompe com o lugar de objeto e se afirma como sujeito de sua própria narrativa, subvertendo a lógica colonial que historicamente definiu quem pode falar e quem deve ser silenciado. Em conformidade, esse movimento é fundamental para a construção de novas epistemologias, mais plurais e inclusivas.

Ademais, pontua-se outro aspecto relevante evidenciado nesta pesquisa diz respeito à dimensão pedagógica da escrevivência. Nessa conformidade, precisa mencionar que a obra de Carolina, ao ser incorporada em contextos educacionais, corrobora por múltiplas possibilidades sobre a problematização de temas como racismo, desigualdade social, gênero e exclusão, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade. Nesse sentido, a literatura deixa de ser apenas objeto de estudo e passa a ser instrumento de transformação social.

Em continuidade, ao considerar o contexto histórico de publicação de *Quarto de Despejo*, em 1960, torna-se evidente o caráter revolucionário da obra, uma vez que foi um período marcado por profundas desigualdades sociais e pela invisibilização das populações negras, Carolina rompe o silêncio imposto e se projeta como uma voz dissonante, capaz de denunciar as contradições de uma sociedade excludente.

Outrossim, pondera-se que a recepção da obra, tanto no Brasil quanto no exterior, também foi analisada como um elemento importante para

compreender os mecanismos de valorização e desvalorização de determinadas produções literárias. No entanto, observa-se que, embora tenha alcançado reconhecimento internacional, Carolina também enfrentou processos de marginalização e deslegitimação, o que revela as tensões presentes no campo literário e editorial.

Mediante a esses fatores, convém destacar que essa contradição evidencia a necessidade de repensar os critérios de legitimação do cânone literário, ampliando-o para incluir vozes historicamente silenciadas. Diante disso, a escrevivência, nesse sentido, não apenas denuncia o apagamento, mas propõe novas formas de pensar a literatura, baseadas na diversidade, na pluralidade e na justiça social.

Por outro lado, refletiu-se que a linguagem utilizada por Carolina, muitas vezes considerada “não padrão”, é, na verdade, um elemento de resistência e autenticidade. Nesse aspecto, ao escrever a partir de sua própria experiência linguística, Carolina rompe com as normas impostas pela elite letrada e afirma a legitimidade de outras formas de expressão.

Em consonância, pontua-se que essa perspectiva dialoga com as discussões de Grada Kilomba, ao evidenciar como a linguagem pode ser tanto um instrumento de opressão quanto de libertação. Diante disso, ao se apropriar da escrita, Carolina transforma a palavra em ferramenta de denúncia e de afirmação de sua existência.

Mantendo o contexto, é relevante destacar outro ponto importante refere-se à interseccionalidade presente na obra caroliana. Em continuidade, a análise demonstrou que as opressões vivenciadas por Carolina não podem ser compreendidas de forma isolada, mas a partir da articulação entre raça, gênero e classe, conforme discutido por autoras como Angela Davis e bell hooks.

Ademais, é essencial enfatizar que essa abordagem permite uma compreensão mais complexa das desigualdades sociais, evidenciando como diferentes formas de opressão se entrelaçam e se potencializam. Logo, a escrevivência, nesse contexto, emerge como uma estratégia de visibilização dessas múltiplas dimensões da experiência.

Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que a escrita de Carolina é marcada por uma forte dimensão afetiva, que se manifesta na relação com seus filhos, com a fome, com a dor e com a esperança. Esses elementos

conferem à sua obra uma potência estética e política que desafia as classificações tradicionais da literatura.

Nesse aspecto, a análise constata sobre a importância da memória como elemento central da escrevivência. Com base nessa perspectiva, ao registrar seu cotidiano, Carolina constrói um arquivo da experiência negra e periférica, contribuindo para a preservação de histórias que, de outra forma, poderiam ser apagadas. Nesse sentido, sua escrita pode ser compreendida como um ato de resistência contra o esquecimento, reafirmando a importância de narrar a própria história como forma de existência e de permanência.

Por outro olhar, a pesquisa evidenciou ainda que a escrevivência não se limita ao passado, mas continua sendo uma prática atual e necessária, especialmente em contextos marcados por desigualdades e injustiças sociais. Nesse contexto, a escrita de mulheres negras contemporâneas dá continuidade a esse movimento, ampliando as possibilidades de representação e de resistência. A partir disso, torna-se possível afirmar que a obra de Carolina Maria de Jesus permanece atual e relevante, dialogando com as demandas e desafios do presente. Sua escrita continua a ecoar como um chamado à reflexão e à ação.

É essencial destacar sobre a dimensão coletiva da escrevivência. Embora parta da experiência individual, a escrita de Carolina ressoa em outras histórias, estabelecendo conexões e identificações que ultrapassam o âmbito pessoal. Essa dimensão coletiva reforça a ideia de que a escrevivência é também uma prática de construção comunitária, na medida em que permite o reconhecimento e a valorização de experiências compartilhadas.

Ademais, a análise frisa sobre a necessidade de ampliar o acesso à literatura produzida por mulheres negras, tanto no âmbito acadêmico quanto no educacional. Tal ação implica não apenas incluir essas obras nos currículos, mas também valorizar suas especificidades e contribuições. Nesse sentido, a pesquisa contribui para o fortalecimento de uma crítica literária comprometida com a diversidade e com a justiça social, que reconheça a importância de múltiplas vozes na construção do conhecimento.

Ao refletir sobre o percurso desta pesquisa, torna-se evidente que estudar a obra de Carolina Maria de Jesus é também um exercício de escuta, de sensibilidade e de compromisso ético com as histórias que foram

historicamente silenciadas. Essa escuta exige um deslocamento do olhar, uma abertura para outras formas de conhecimento e uma disposição para questionar as estruturas que sustentam as desigualdades.

Em outro aspecto, a escrevivência, portanto, não é apenas um conceito teórico, mas uma prática que interpela o pesquisador, exigindo uma postura crítica e engajada diante do objeto de estudo. Nesse sentido, esta dissertação também se configura como um ato de posicionamento, ao assumir a importância de pesquisar e valorizar a produção intelectual negra, especialmente de mulheres.

Para tanto, ao final deste percurso, reafirma-se que a escrita caroliana constitui um marco fundamental na literatura brasileira, não apenas por seu conteúdo, mas por sua capacidade de provocar rupturas e abrir caminhos para novas formas de pensar e escrever. Sua obra nos convida a repensar não apenas a literatura, mas também a sociedade, evidenciando as contradições e desigualdades que ainda persistem.

Ao caminhar para a finalização desta investigação, afirma-se que esta pesquisa não se esgota em si mesma, mas abre possibilidades para novas investigações, especialmente no que diz respeito à relação entre escrevivência, educação e práticas pedagógicas críticas. Assim, as considerações aqui apresentadas apontam para a necessidade de continuar ampliando o debate sobre a produção literária negra, reconhecendo sua importância na construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

REFERÊNCIAS

_____. Depoimento. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 45-70.

AGUSTONI, Claudia. **Négritude e literatura negra: perspectivas críticas**. São Paulo: Editora Horizonte, 2013.

AGUSTONI, Luciana. **A poética da negritude e a literatura afro-brasileira**. Revista Crioula, n. 13, p. 40–49, 2013.

ALMEIDA, Maria de Fátima. **A escrita e a resistência**: Carolina Maria de Jesus e a denúncia da desigualdade social. São Paulo: Editora Cultura, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Pólen Livros, 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Miriam. **Escrevivência e resistência**: a mulher negra e sua produção literária. Cadernos Negros, São Paulo, n. 33, p. 5–10, 2010.

ALVES, Miriam. **Mulher negra**: escrita e resistência. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ANDRADE, Karen de Souza. **Educação literária e periferia**: o ensino de Carolina Maria de Jesus nas escolas públicas. 2023. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é negritude**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARMO, Ana Paula do. **A memória como resistência na escrevivência de Conceição Evaristo**. Revista Vozes Pretas, v. 5, n. 2, p. 65–78, 2022.

CARMO, Lorena do. **Memória e escrevivência:** representações da mulher negra na literatura afro-brasileira. Revista África e Africanidades, v. 15, n. 2, p. 65–75, 2022.

CARMO, Wilany A. Barros do. **Oralidade e ancestralidade:** uma análise de 'Histórias de Leves Enganos e Parecenças' de Conceição Evaristo. Literatura Desigualdade Ensino, p. 71-78, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARTA CAPITAL. **Literatura brasileira contemporânea:** um território contestado. Carta Capital, São Paulo, 23 abr. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/literatura-brasileira-contemporanea-um-territorio-contestado/>. Acesso em: 28 out. 2025.

CASSIANO, Bruna da Silva. **A solidão é preta e periférica:** os afetos na escrita de Carolina Maria de Jesus. 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** In: ONU, 2002.

COSTA, Aline. **Poesia e resistência em Não vou mais lavar os pratos, de Cristiane Sobral.** Revista Literafro, v. 8, p. 82–90, 2018.

COSTA, Ana Beatriz. **Poesia e militância:** Cristiane Sobral e a força da escrita feminina negra. Brasília: Editora do Cerrado, 2018.

COSTA, Lúcia Maria dos Santos. **A poesia de Cristiane Sobral:** corpo, voz e resistência. Revista Soletras, n. 36, p. 80–89, 2018.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea:** um território contestado. Rio de Janeiro: Editora Horizonte/UERJ, 2012.

DANTAS, A. **A atualidade do mundo de Carolina.** In: JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada São Paulo: Ática, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v. 1.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literaafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica> Acesso em: 17 mar. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: identidade, gênero e raça**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: literatura e identidade**. Belo Horizonte: Nandyala, 2005.

EVARISTO, Conceição. In: SILVA, Ana Maria Gonçalves da; COSTA, Maria Aparecida da (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Cadernos Negros, São Paulo, n. 27, p. 53–60, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERNANDEZ, Annelise; TOLENTINO, Célia. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. São Paulo: Ática, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Escrevivência: sentidos em construção**. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella R. **Escrevivência: A escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 58-73, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade**: experiências e desafios para uma formação antirracista. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GONÇALVES, Ana Maria. “O Brasil ainda precisa ler Carolina”. Revista Cult, São Paulo, ed. 248, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 305–320.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, L. O. da; BARBOSA, M. (orgs.). Primavera para as rosas negras. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1988. p. 13–27.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, bell. **Black looks**: race and representation. Boston: South End Press, 1992.

HOOKS, bell. **All about love**: new visions. New York: William Morrow, 2000.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luiza Libânio. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIRA, Ana Paula da. **Maria Firmina dos Reis e a resistência abolicionista feminina**. Revista de Letras, v. 15, n. 1, p. 50–60, 2016.

LIRA, Eduardo. **O olhar de Maria Firmina dos Reis sobre a escravidão**: uma escrita pioneira na literatura brasileira. São Luís: EDUFMA, 2016.

LIRA, Sandra. **A resistência feminina na obra de Maria Firmina dos Reis**. Revista Gatilho, v. 3, n. 1, p. 55–63, 2016.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LOBO, Luiza. **Literatura afro-brasileira: uma introdução**. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 2, p. 310–322, 2007.

LOBO, Luiza. **O conceito de literatura afro-brasileira**. Afro-Ásia, Salvador, n. 18, p. 313–326, 2007.

LOBO, Luiza. **O conceito de literatura negra: diálogos com a crítica literária contemporânea**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LORDE, Audre. **Sister outsider**: essays and speeches. Trumansburg: Crossing Press, 1984.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Maria Firmina dos Reis**: escrita íntima na construção do si mesmo. Estudos Avançados, v. 33, p. 91-108, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007> Acesso em: 24 de set. 2024.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Maria Firmina dos Reis: uma voz precursora.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Maria Helena. **A ousadia de Maria Firmina dos Reis: pioneira da literatura abolicionista.** Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 33, n. 95, p. 93–102, 2019.

MAGNABOSCO, Maria Aparecida. **Carolina Maria de Jesus: escrita e resistência.** São Paulo: Annablume, 2003.

MADEIRA, Mariana; MEDEIROS, Juliana. **Racismo estrutural e desigualdade social no Brasil.** Revista Perspectiva, v. 36, n. 2, p. 210–225, 2018.

MADEIRA, Medeiros. **Racismo estrutural e suas implicações na sociedade brasileira.** São Paulo: Cortez, 2018.

MADEIRA, Nádia; MEDEIROS, Ana. **Racismo estrutural e produção literária negra no Brasil.** Revista Perspectivas Contemporâneas, v. 13, n. 2, p. 210–220, 2018.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna; MORAES, Renata Figueiredo. **História da África e dos africanos na formação do mundo atlântico.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectiva, 1989.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra e o feminismo.** Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo: ANPOCS, p. 50–60, 1989.

NASCIMENTO, Beatriz. **Textos, entrevistas e depoimentos.** Rio de Janeiro: Ipeafro, 2018.

NASCIMENTO, Raquel. **Entre o lixo e a palavra: a recepção de Quarto de despejo na Alemanha e no Brasil.** 2022. 190 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

OLIVEIRA, Marta Rodrigues de. **Conceição Evaristo e a escrita de resistência.** Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 2, p. 134–142, 2019.

OLIVEIRA, Maxwell Brito. **Escrevivência, denúncia e resistência em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus.** 2024. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2024.

OLIVEIRA, Renata Cristina. **Memória e identidade:** a literatura negra feminina na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

OLIVEIRA, Renata. **Vozes negras femininas:** resistência e subjetividade em Conceição Evaristo. Revista Escrita & Imagem, v. 8, p. 130–140, 2019.

OLIVEIRA, Suelen. **Carolina Maria de Jesus e a literatura de denúncia.** In: SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2022, Lisboa. Anais [...]. Lisboa: Universidade Aberta, 2022. p. 1–10.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Aquém do Quarto de despejo:** a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 22, p. 63–83, jan./jun. 2003.

PIRES, R. A.; SOUSA, A. L.; SOUZA, A. L. S. **Afroliteratura brasileira:** O que é? Para quê? Como trabalhar? Educom. Afro – Publicação da Faculdade de Educação da PUCRS, Viamão: 2005.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Nós, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, Lilian. **A literatura infantil e a representatividade feminina negra.** In: PESTANA, Cristiane Veloso de Araújo; ROCHA, Karla Cristina Eiterer. Literatura afro-brasileira: artigos teórico-críticos. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

SALGUEIRO, Maria A. Andrade. **Escrevivência:** conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella R. Escrevivência: A escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 96-113, 2020.

SALGUEIRO, Maria Aparecida. **Mulheres negras e literatura:** vozes que (re)existem. Cadernos Pagu, Campinas, n. 16, p. 1–10, 2001.

SALGUEIRO, Maria Aparecida. **Oralidade, ancestralidade e escrevivência na obra de Conceição Evaristo.** Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 20, n. 37, p. 99–110, 2010.

SALGUEIRO, Maria Nazareth. **Escritas negras femininas: perspectivas e desafios.** São Paulo: Pallas, 2001.

SALGUEIRO, Maria Tereza. **A escrita da mulher negra no Brasil contemporâneo**. Revista Afro-Ásia, n. 23, p. 1–15, 2001.

SANTOS, Bianca da Cruz. **Literatura, fome e resistência: a recepção de Carolina Maria de Jesus na contemporaneidade**. 2024. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2024.

SANTOS, Fernanda. **História e memória na literatura afro-brasileira: a contribuição de Esmeralda Ribeiro**. São Paulo: Selo Negro, 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A literatura negra no Brasil: ensaios**. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SILVA, Camila Moreira. **Água de Barrela e a construção da memória afro-brasileira na literatura de Eliana Alves Cruz**. Curitiba: Appris, 2015.

SILVA, Mariana. **Literatura negra e resistência social**. Revista África e Africanidades, v. 8, n. 2, p. 95–105, 2013.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. São Paulo: Autêntica, 2013.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Identidade, cultura e educação afro-brasileira**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SILVA, Prazeres da. **Literatura negra e memória: Carolina Maria de Jesus e a centralidade da mulher favelada**. 2023. 98 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

SILVA, Rosana. **A escrita da memória em Água de Barrela, de Eliana Alves Cruz**. Revista Candombá, Salvador, v. 4, p. 90–102, 2015.

SILVA, Rosângela Maria. **A literatura negra no Brasil: resistência e reexistência**. Salvador: EDUFBA, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Vera Lúcia Neri da. **Os Estereótipos Racistas nas Falas de Educadoras Infantis: suas implicações no cotidiano educacional da criança negra**. 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Fabiana. **Ficção e história em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves.** Revista Afro-História, v. 2, p. 210–220, 2017.

SOUZA, Florentina. **A mulher negra na literatura:** do estereótipo à construção da identidade. Salvador: EDUFBA, 2006.

SOUZA, Marcos Vinícius. **História e ficção em Um Defeito de Cor:** a reconstrução da identidade negra na obra de Ana Maria Gonçalves. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

VIEIRA, Natália. **Representações de gênero e raça na literatura afro-brasileira contemporânea.** Revista de Estudos Literários e Culturais, v. 5, p. 45–58, 2021.